

“A VIAGEM” - Novela em 2 mundos

SÃO PAULO-422

Q UEM foi que fundou esta cidade maluca, desenfreada no espaço e no tempo? Foi Anchieta, o apóstolo, Nóbrega, o provincial, Tibiriçá, o cacique, ou Ramalho e Bartira estirando a Borda do Campo ao Pátio do Colégio? Foram todos, todos eles e nós também, neste mutirão de trabalho forçado a toque de dinamites, que é ainda o começo sempre recomeçado da cidade que nasceu a toque de escopetas. Há 422 anos lutamos e construímos, e morremos e somos enterrados, e resuscitamos armados de técnicas mirabolantes, e perfuramos o céu e a terra, passamos por cima e por baixo do que é, do que foi e do que será, saímos para o litoral e o campo e voltamos sem saber porquê. As águas do Tietê lavam a cidade e ficam sujas ao invés de limpar, a garoa virou poluição, o trânsito é guerra de grande matança na paz, as crianças viram assaltantes, as máquinas derrubam prédios e arrazam quarteirões carregados de amor e saudade de outros tempos, e a Lua nem toma conhecimento das pulgas astronômicas porque não pode desviar o seu olho de gato angorá da cidade que engole o mundo. Quem poderá cantar essa Tróia cercada por si mesma, essa Jerusalém que nunca se liberta, essa escrava dos seus próprios furôres? São Paulo extravasa as dimensões homéricas e a métrica de Tasso, escapou do olhómetro de Camões, o caolho, e descobriu a técnica infernal da «implosão» para arrebentar-se por dentro e renascer de si mesma cada vez maior. É dela que fazemos o nosso assunto de MENSAGEM neste número e neste ano, com espanto e glória.

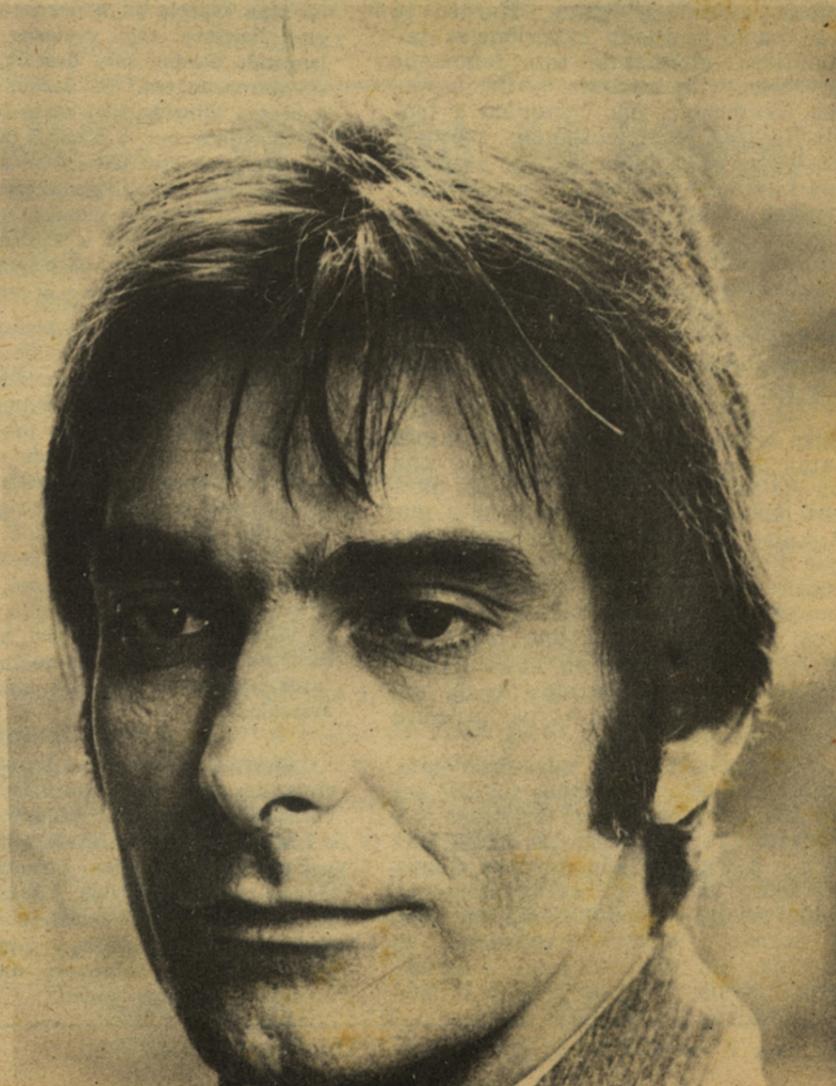
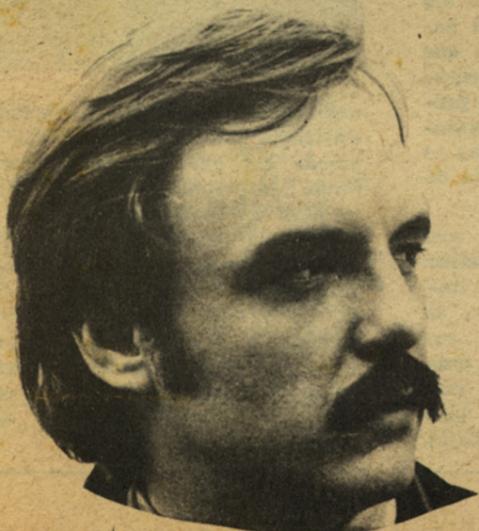


Areas metropolitanas

As metas do novo ano

Visão paranormal da Fundação de São Paulo

Cinema Literatura Humor





CHICO XAVIER TELEPATA?

Antigamente as loucuras de verão ocorriam somente nas praias, sob a impiedosa incidência dos raios solares. Hoje ocorrem também na TV, onde o calor é aumentado por luminárias infernais que espremem o cérebro e derretem o raciocínio. Foi o que ocorreu ainda há poucos dias no Canal 13, TV Bandeirantes, programa Xênia e Você. Um médico e um parapsicólogo, submetidos às perguntas da hábil entrevistadora, falaram sobre Parapsicologia. O médico usou de ponderação e acusou os exploradores da nova ciência, que em São Paulo já foi trocada em miúdo nas clínicas fantasmas de sedizentes especialistas. O "parapsicólogo" defendeu-se como pôde, enfiando os pés pelas mãos em assunto tão melindroso.

Começaram aí as loucuras de verão do apreciado programa de Xênia, que logo se converteu numa espécie de julgamento do médium Chico Xavier. Até mesmo a apresentadora deixou-se levar nas ondas caloríficas e acabou aceitando que Chico é apesar um telepata que chega a iludir "pessoas inteligentes e cultas". Mas o que é a telepatia? A tese de Rhine não é a de que ela provou a existência no homem de um conteúdo extrafísico? E antes, muito antes de Rhine, Kardec já não havia efetuado experiências telepáticas, chamando esse fenômeno de "telegrafia humana"? Caringron, em Cambridge, não formulou a teoria famosa das "entidades psíquicas", que nada mais são que as mentes humanas encarnadas e desencarnadas? Soal, em Londres, não designou por SHI essas entidades que sobrevivem à morte do corpo (segundo ele) e podem comunicar-se através de médiuns? Prat, em Dukê, não descobriu os fenômenos thêta, de avisos de morte e comunicações de mortos por meio telepático?

O raciocínio do "parapsicólogo" deve ter sido reduzido a purê de batatas pelo calor do estúdio. Ou isso, ou ele nada entende da ciência nova em que se diz especialista e, o que é mais grave, clínico! Foi uma pena que Xênia, sempre tão hábil em descobrir trapaças dessa espécie, tivesse também sofrido da alucinação calorífica. Perdeu uma ótima oportunidade de comprovar no vídeo as denúncias do médico e mostrar de que infusa sabedoria são os parapsicólogos clínicos de São Paulo.

É uma tristeza que problemas como esse sejam tratados na TV em termos de amadorismo primário. A honestidade mediúmica de Chico Xavier e a legitimidade de suas manifestações já foram suficientemente comprovadas e reconhecidas em todo o mundo. Querer explicá-las às avessas, em momentos de alucinações estivais, é lançar contra o mé-

dium honesto e digno a pecha de charlatão, só apropriada aos pretensos parapsicólogos que tudo explicam sem nada saber.

As explicações psicolóides do fato mediúmico pertencem ao passado. Foram simplesmente esmagadas pelas pesquisas modernas e contemporâneas em plano universitário. As críticas feitas no programa a mensagens recebidas por Chico Xavier nos últimos tempos foram simplórias, revelando ignorância maciça do assunto. Dizer que o espírito não tem idade e não pode manifestar-se com a idade em que desencarnou é desconhecer toda a experimentação científica a respeito. Alegar que os poetas clássicos deviam transmitir mediúnicamente poemas modernos é o mesmo que negar-lhes o direito de identificação. Um parapsicólogo de verdade conhece esses problemas, e mesmo que não aceite a sobrevivência admite a lógica das explicações espíritas.

REVOLVER DEFENSIVO

Os assaltantes atiram para matar. Os assaltados, em geral, defendem-se mas não querem matar. Um revólver que não mata, o TASER, foi inventado nos Estados Unidos e tem sido usado por lá e no Canadá. Consta que algumas pessoas já o possuem em nosso país. Trata-se de uma espécie de lanterna com gatilho, que funciona com explosão a pólvora, lançando dardos com descargas elétricas de alta voltagem. Os dardos imobilizam a pessoa atingida sem matá-la.

Acontece que o TASER já foi usado também por assaltantes, certamente menos ferozes que os matadores profissionais. Em algumas cidades norte-americanas e no Canadá a Polícia condenou o TASER considerando-o perigoso para pessoas idosas, crianças e cardíacos, que podem morrer com a descarga elétrica ou sofrer graves consequências posteriores. Um criminalista canadense criticou essa condenação, lembrando que assim mesmo o TASER é menos prejudicial que o revólver. Sua finalidade é defensiva e serve sempre para impedir o pior. O debate está em marcha. Enquanto isso, o TASER vai se propagando no mundo, pois corresponde à arma ideal de defesa sem intenção de matar, com que o homem vem sonhando há muito tempo. Será difícil impedir o seu uso, num mundo de tantas matanças e em que muitas criaturas querem livrar-se dos assassinos sem assassinar.

CAMARADA LOROTOF

Morreu o Camarada Lorotof, humorista dos "Diários Associados", que na verdade se chamava Eduardo Palmério e era irmão do romancista e político mineiro Mário Palmério. Jornalista profissional, também escritor, Eduardo Palmério era grandemente estimado na classe. Deixa muitas saudades no meio jornalístico, pois era, sobretudo, um bom camarada que todos amam.

GUERRA QUIMICA

A guerra química do passado, quente e violenta, converteu-se em nosso tempo numa espécie de guerra fria que vai desde a poluição ambiental até a poluição alimentar e as ameaças dos inseticidas. São Paulo e Rio são os principais campos de batalha dessa guerra silenciosa e sorrateira. Mas a verdade é que ela se estende a todo o país e que além das nossas fronteiras está ameaçando o mundo. Nem mesmo as zonas polares escapam de sua infiltração, que já penetrou também nas profundidades oceanicas.

As autoridades sanitárias brasileiras estão agindo contra todas as formas dessa guerra em nosso país. Ainda agora a Secretaria da Saúde de São Paulo está providenciando a apreensão de numerosas marcas de massas alimentícias que os pesquisadores do Instituto Adolfo Lutz condenaram. Ao mesmo tempo, chegam notícias de ação semelhante nos Estados Unidos. Mas porque a ação oficial, no campo dos alimentos, tem de ser repressiva, quando podia e devia ser preventiva? Se os alimentos não podem ser expostos à venda sem prévia aprovação das autoridades sanitárias, é claro que os destragos já produzidos nesse setor deviam ter sido impedidos no devido tempo. Ou estamos enganados?

ESTATISTICAS "DE MORTE"

O Brasil ganhou longe da Argentina na estatística da morte. As últimas notícias de Buenos Aires diziam que o terror político estava dando um índice de 8 mortos por dia naquele país. Paralelamente as autoridades paulistas de trânsito anunciavam que o nosso índice de mortes nas estradas de São Paulo era de 8 mortos por dia, além de centenas de feridos. Aparentemente houve um empate. Mas na verdade não houve. Nossos oito mortos por dia correspondem apenas a São Paulo. O que se mata pelo Brasil a fora, na guerra do trânsito, vai muito mais longe.

De qualquer maneira saímos ganhando. A causa da mortandade brasileira não é o terror nem o ódio, é apenas o desejo de voar sem asas. Bem disse Stephan Zweig: "Brasil, país do futuro!" Nossos volantes atuais são os precursores dos automóveis voadores de amanhã. Nem se entêndê porque tanto barulho com as vitórias do Fitipaldi. Muitos volantes das nossas estradas e ruas poderiam vencer em qualquer pista internacional sem necessidade de tipos especiais de carros.

ROUPAS DE VERAO

O novo Ano entrou em São Paulo com um Janeiro de fogo. O verão tropical é um martírio para as exigências estupidamente européias das roupas masculinas. As mulheres levam a vantagem de poderem desnudar-se sem perder a linha. Podem mostrar aos homens (e isso é muito bom nestes tempos indecisos e indefinidos) que há muita diferença entre ser homem e ser mulher. Pasam incólumes pela censura e enfeitam a cidade com a graça da semi-nudez. Mas os homens, que horror! Paletó, gravata, sapatos e meias, um suadouro de oito horas para exercer suas funções em escritórios abafados, no bom estilo europeu. Já é tempo de compreendermos que vivemos nos trópicos e devemos e temos de criar a nossa civilização tropical.

Flavio de Carvalho, o saudoso ensaísta, artista, crítico de arte, de formação européia mas de coração brasileiro, inventou o NEW-LOOC e desfilou certa vez no Viaduto do Chá, conclamando os homens a adotarem essa nova roupa que os libertaria do suplício das roupas européias. O esforço foi grande, mas o próprio Flávio não usou a roupa que inventara. O hábito não faz o monge, mas as convenções sociais não se modificam do dia para a noite.

Duas coisas precisam mudar com urgência em São Paulo. A arquitetura do frio para um país de fogo e os trajes masculinos. Ou mudamos isso ou morreremos asfixiados por burrice sumária. É verdade que está prevista uma nova era glacial para a Terra, mas isso dentro de uns setenta anos, pelo menos, segundo prevêem os cientistas.

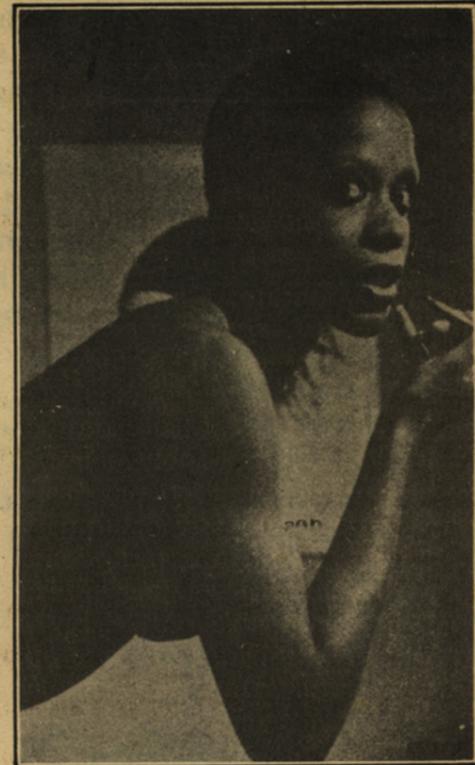
Não é à toa que certos homens andam preferindo o travesti.

O DRAMA AFRICANO

Porque fracassou a I Conferência de cúpula da Organização da Unidade Africana, que procurava uma solução para o caso de Angola? São muitas as razões do fracasso, implicando interesses políticos não só das duas potências maiores, mas também de diversas nações europeias e asiáticas, além da política interna das 46 nações do continente negro. Mas podemos dizer que o motivo básico é o absoluto despreparo da maioria dos governantes africanos para enfrentar as dificuldades da emancipação política.

Os responsáveis pelo fracasso da conferência são as nações brancas que durante séculos exploraram o continente negro em termos de colonização extorsiva. As nações africanas são vítimas de um longo processo de domesticação, sob o guante do preconceito racial. Os negros foram sempre considerados como inferiores e incapazes de preparar-se para algum dia (o que parecia impossível) assumirem a responsabilidade dos seus próprios destinos. Por outro lado, o exemplo de dominação violenta dado pelos colonizadores condicionou a posição dos dirigentes africanos, que só acreditam na força para a solução de seus problemas.

Considerando-se ainda as condições precárias dessas nações espoliadas, tanto no plano econômico quanto no cultural, só mesmo um milagre poderia levar ao êxito desejado a conferência da OUA. Com poucas exceções, os mandatários reunidos não dispunham de condições para tratar objetivamente do problema africano e aparar as arestas de uma política de nível tribal, conduzindo os trabalhos a um esquema de soluções possíveis. Mas isso não quer dizer que o fracasso da primeira conferência tenha selado os destinos da África. Muitos líderes negros já se revelaram capacitados a enfrentar os desafios da emancipação. Pouco a pouco esses líderes irão conseguindo reunir os elementos mais libertos dos prejuízos da tutela estrangeira para consolidar as bases de uma política africana digna desse nome. A raça negra não é menos dotada de inteligência e capacidade organizativa do



que as outras raças. As interferências estranhas irão sendo afastadas na proporção em que as experiências nativas forem despertando os povos em conflito para a compreensão de seu próprio valor e da necessidade de sacrifícios pessoais e grupais para a consolidação da verdadeira unidade africana. Os povos da África encontrarão o seu verdadeiro caminho e saberão afastar os pseudo-líderes que hoje impedem, apegados a veleidades tipicamente tribais, os entendimentos necessários entre as novas nações.

Vaso de argila na corrente do tempo
fecundou-te o remoinho das águas
e germinaste em rochas e cristais,
lavas ardentes, rios e florestas, animais

— e Homens.

Agora os astronautas dizem que és azul
como o céu que projeta nos teus lagos
o seu perfil azul de adolescente.

Rompeste as dimensões do tempo em rotações
de estrelas e de sóis no intemporal
e surges com tua marca humana e fria
na contagem dos homens

— Terra-76.

Pisamos o teu solo, sugamos a tua seiva,
devoramos as tuas distâncias
imantados aos círculos fatais
do teu bojo de barro imemorial.
E súbito nos golpeias com o punhal sonoro
da hora derradeira — e nos devoras
na autoconsumação de ti mesma.

Terra-76 — há 1976 anos, no eterno retorno
da essência eterna que somos e não tocamos,
repelimos o menino ainda no berço
e o matamos depois para que o devorasses.

Agora voltas e em teu bojo ressoa a hora,
a mesma hora de cravos e de espinhos,
de lanças assassinas e de espadas
imutáveis cravadas em nós mesmos.

No magnetismo do teu barro permanece

a loucura das águas renascentes — Terra-76
no ciclo do remorso e da agonia.
Águas do Eufrates e do Tigre maculadas
pelo sangue de Abel,
águas do Jordão avermelhadas
pelos reflexos de sangue do Calvário.

Nas areias de fogo do Sinai
as ossadas retornam ao minério.
Na sarça ardente de Moisés a voz eterna
clama de novo a mesma ordenação.
Descem das nuvens pégasos sedentos
em revoadas de asas e tropéus.
Cavalgadas olímpicas de arautos
estragem nos abismos da consciência.
Mas o ritmo sangrento das espadas
é agora o martelar dos bombardeios
atomizando a carne e o sangue em poeira
— e cinza.

1976 milhões de toneladas
de arrogância e de crimes esmagam o bojo
do planeta azul no azul do céu.
Terra-76, que a curva verde dos teus mares,
obedientes à Lua solitária,
ensine ao homem, onda frágil que se quebra
nas areias dos campos devastados,
a lição da humildade e da piedade.
Que a figura lírio do Salvador,
na solidão de angústia dos milênios,
galvanize as consciências rebeladas,
amanse o mar bravio das paixões, curve
na curva dócil do teu bojo
a argila humana do humano pantanal!

Terra-76 — o espaço e o tempo,
na curvatura dos ciclos redentores,
traçam as paralelas curvilíneas
do Evangelho do Amor ao teu redor.
Jesus nasceu, morreu, ressuscitou,
no ritmo dos mundos e dos seres.
Porque não vemos (que hipnose estranha!)
que em teu vaso de argila redentora
somos pequenos vasos, pequeninos,
a rodar na corrente dos destinos?

AS METAS DO NOVO ANO

EDITORIAL

Muitas metas já foram estabelecidas para o novo ano em plano nacional e internacional. Mas a meta principal foi praticamente esquecida. Não basta o enriquecimento material das nações, o desenvolvimento tecnológico, o aprimoramento científico e cultural. A meta essencial, que devia merecer prioridade em todas as programações, é a da humanização do homem. Nunca a Humanidade se aviltou tanto como neste século de conquista assombrosas. Urge resgatar o homem da sua dolorosa falência, da sua alienação aos interesses imediatistas. Sem isso, a Civilização perecerá, antes de chegarmos ao terceiro milênio da implantação do Evangelho na Terra.

O que poderíamos fazer, para evitar a catástrofe planetária? As fórmulas políticas e religiosas fracassaram. As grandes utopias ideológicas negaram-se a si mesmas. Os recursos da Educação mostraram-se insuficientes. Nos países mais civilizados do mundo o aviltamento do homem atingiu os seus maiores índices. A prática da violência universalizou-se, restabelecendo o antiprincípio da selvageria, no desrespeito generalizado aos direitos humanos. Avançamos apoiados em recursos técnicos de destruição em massa, para abusos da força que superam de muito os desmandos das eras mais sombrias do passado. O que fazer, para deter a onda de loucura que avassalou todos os continentes, na auto-destruição a que a Humanidade se entrega?

Só há uma porta para a salvação — uma tomada urgente de posição, por parte das nações que lideram a política internacional, no sentido de reconduzir os homens à compreensão da sua natureza espiritual e do seu destino imortal. Mas essa atitude global só pode surgir com o despertar individual das consciências, tocadas pelos exemplos de moderação e respeito humano dos que lideram a política mundial. A situação se configura, assim, num círculo vicioso. Mas esse círculo pode ser rompido pela decisão individual de cada criatura ainda não dominada pela sanha de violência e poder.

Os fatores determinantes da confusão atual são facilmente diagnosticáveis. Estão no imediatismo de uma concepção de vida que se limita ao campo animal. A sede de riqueza e poder a qualquer custo, a idéia de que a morte é o aniquilamento total e absoluto do adversário, a rejeição dos princípios espirituais apresentados como barreiras ao gozo pleno da vida, a cômoda suposição de que nada mais existe além da nossa afêmera existência carnal de breves anos na Terra. A fé pela fé não tem força para anular essa mentalidade

de estúpida e substituí-la por uma visão superior. Mas as provas científicas da sobrevivência do homem à morte acumularam-se de tal maneira em nossos dias, que dispomos de recursos poderosos para despertar o homem atual dessa paralisia do raciocínio e do sentimento, a que se entregou na embriaguez sensorial.

Todos aqueles que não se deixaram levar pela hipnose coletiva das ambições mundanas podem servir-se desses recursos novos, de que hoje dispomos, para despertar os demais. Se os sermões e as prédicas piedosas não têm mais efeito, e se a Ciência arvorou-se em detentora exclusiva da verdade, apelenos aos seus recursos para restabelecer na Terra a dignidade humana. Esta é a mensagem de ano novo que MENSAGEM dirige a todas as criaturas, sem qualquer distinção. Coloquemos a verdade científica da científica, a verdade científica da imortalidade humana aos olhos do mundo, com todas as nossas forças, no correr deste novo ano, sem sectarismos retrógrados, e estaremos lutando pela volta do homem a si mesmo, à sua natureza e ao seu destino. Lutemos pela humanização do homem.

A certeza de que vida continuará depois da morte corporal, não em forma vaga e misteriosa, mas natural e definida, com a plena consciência das responsabilidades individuais e intransferíveis de cada um, despertará as mentes entorpecidas pelo ópio fatal do materialismo e do imediatismo. Mostremos ao homem que ele não é pó e cinza, mas vida e luz, num Universo em que nada se perde e tudo se transforma para melhorar.

RESPEITO AO HOMEM

As palavras do General Dilermando Gomes Monteiro para os jornalistas cariocas, pouco antes de assumir em São Paulo o comando do II Exército, soaram como a confirmação das mais nobres tradições do nosso povo: «Os direitos humanos e a dignidade da pessoa humana estão acima de qualquer coisa, pois o homem é uma criatura de Deus e, como tal, deve ser respeitado com dignidade e ver respeitados os seus direitos legais».

MENSAGEM registra com entusiasmo essas palavras, que coincidem com o seu lema de luta pela humanização do homem, na plenitude dos princípios evangélicos da formação nacional. Sem o amor e o respeito ao próximo não há civilização não há paz nem segurança, nem dignidade para nenhuma comunidade humana.

O BRASIL DESAGUA EM SÃO PAULO

Sampaio Dória, presidente da Câmara Municipal, responde às perguntas de MENSAGEM sobre os grandes problemas da cidade

- **Urgência de uma política demográfica nacional**
- **Maior participação das capitais na receita do país**
- **Esforço crescente para humanização da vida metropolitana**

PARA SABER como vai o Brasil temos de tomar as pulsações de São Paulo. Por isso, MENSAGEM quis ouvir o Legislativo paulistano através de seu presidente, Vereador Sampaio Dória, a quem submeteu 15 perguntas que foram respondidas pelo emitente político e advogado, colocando lucidamente os problemas básicos da metrópole. Essa colocação é feita numa perspectiva nacional, de maneira que não interessa apenas a São Paulo, mas a todo o Brasil e particularmente às áreas metropolitanas do país.

O Presidente Dória revela uma visão integrada dos problemas paulistanos, como exigências básicas do desenvolvimento nacional. E nos dá, ao mesmo tempo, um esquema sintético das urgências da administração metropolitana. Sua compreensão da hora trepidante e angustiada que vivemos, bem como da função dinamizadora de São Paulo na vida do país, asseguram o bom e eficiente funcionamento do legislativo paulistano, em harmonia e sintonia com os poderes executivos.

Queremos ainda ressaltar a sua preocupação com a humanização da cidade, que coincide com os objetivos de MENSAGEM, em seu propósito de contribuir para a humanização do homem, nesta fase de dolorosa deformação e desgaste da condição humana. Passemos ao texto da entrevista.

Respondendo a várias perguntas, declarou o Vereador Sampaio Dória:

Consciente dos riscos e malefícios de toda sorte que o desgovernado, caótico e explosivo processo de urbanização das últimas décadas vêm acarretando, entendo que se deva definir e implementar, com urgência, uma política demográfica de âmbito nacional que, entre outras possibilidades, crie a de impor disciplina e controle aos fluxos migratórios internos. Isso de modo a conter os excessos de adensamento populacional em áreas urbanas superpovoadas, em vias de saturação crítica. As grandes cidades brasileiras, despreparadas para absorver e assegurar condições adequadas de habitação, transporte, saúde, lazer e educação às ininterruptas correntes demográficas provindas do meio rural — consequência inexorável dos desequilíbrios econômicos regionais ainda acentuados — tornam-se palco de crescente marginalização social, da degradação do meio ambiente e do declínio progressivo da qualidade de vida posta à disposição de seus habitantes.

Nesse quadro, entendo que a adoção de uma tal política, ao lado da criação de estímulos mais eficazes à desconcentração industrial, proveria o País das normas, dos meios e dos mecanismos que o próprio presidente da República proclamou inadiáveis e essenciais para controlar a direção e atenuar a intensidade do fenômeno apontado.

Ante a desproporção absurda entre os encargos das administrações municipais integrantes das áreas metropolitanas e os recursos financeiros de que podem dispor, e sensível ao fato de que os critérios de partilha da renda tributária nacional entre a União, os Estados e os Municípios acham-se desatualizados e divorciados da realidade urbana e do panorama demográfico do presente, considero inadiável a adoção de medidas que possibilitem uma redistribuição mais equitativa e equilibrada da receita tributária do País. Elevar a participação relativa desses Municípios no produto tributário global que geram dentro de seus próprios limites, constitui, a meu ver, providência que qualquer análise impessoal, objetiva e racional de pronto recomendaria.

A afirmação de que parte dos recursos arrecadados pela União e pelos Estados termina retornando aos municípios de origem sob a forma de obras, serviços, empréstimos ou auxílio financeiro, não elimina, antes realça o inconveniente de que tal retorno é muito mais lento, complexo e dispendioso do que seria a aplicação direta de tais recursos pelos próprios municípios, se lhes fosse dado reter um percentual mais significativo da renda tributária bruta que produzem.

Entrevista especial de
PAULO HENRIQUE BELFORT ROLIM



O PROBLEMA DO METRÔ

Interrogado sobre o custo social e financeiro do Metrô, se não constitui ônus demasiado para São Paulo na atual conjuntura, respondeu:

Para o Município de São Paulo, isoladamente considerado, sim, embora se trate de empreendimento absolutamente indispensável. O que se nota, porém, é a progressiva participação de outros Poderes — o estadual e o federal — na viabilização financeira do empreendimento, dada a absoluta incapacidade do Município de continuar suportando, apenas com seus próprios recursos, a implantação do sistema. O governo do Estado, como se sabe, já assumiu com o Município o compromisso de custear a linha Leste-Oeste do Metrô, o que para nós já constitui uma valiosíssima contribuição, especialmente porque nos permitirá destinar um volume maior de recursos financeiros para outros setores mais carentes da administração.

Embora não seja, isoladamente, a solução ideal, o Metrô representa uma peça absolutamente essencial para a compatibilização do transporte coletivo de São Paulo às suas necessidades atuais. A melhoria paralela do sistema de transporte coletivo de superfície — ônibus e tróleibus — e do transporte ferroviário suburbano, somada ao esforço, já em curso, de integração dos três sistemas de transporte, — propiciará condições mais adequadas ao setor, em termos de eficiência, rapidez, conforto e segurança.

DEPLORA MAS APROVA

Sobre a derrubada da Escola Normal da Praça, declarou:

Na medida em que o sacrifício daquela Escola representou alternativa menos onerosa para um Município, de recursos orçamentários escassos e incompatíveis com as necessidades da comunidade, não há como deixar de admiti-la e aceitá-la, conquanto não deixe de ser um ato deplorável.

POLUIÇÃO

A respeito da conveniência do movimento pela preservação do meio ambiente, disse:

Naturalmente que sim. Quanto maior a pressão publicada em favor desse objetivo maior, maior há de ser a preocupação do administrador em adotar medidas concretas tendentes à preservação do meio ambiente. Se não tivermos algum êxito nesse campo, as gerações futuras não nos perdoarão a negligência.

EVASÃO DE PROFISSIONAIS

Sobre a propalada evasão de técnicos e profissionais liberais para Estados e cidades do litoral, respondeu:

Não acredito que isso esteja ocorrendo, ao menos em escala considerável. A despeito das condições de vida cada vez mais duras e desumanas dos grandes centros metropolitanos do País, o que se observa é a tendência de fixação, nessas áreas, das suas respectivas populações. A explicação para o fenômeno poderia ser melhor explicitada por sociólogos e cientistas sociais.

À parte o eventual exagero da expressão, não se pode deixar de admitir que São Paulo, como todos os outros grandes centros urbanos do mundo, favorece o desenvolvimento de tensões coletivas, frustrações, anseios reprimidos, violência e desajustes de toda sorte, com a consequente sensação de insegurança e insatisfação da totalidade de seus habitantes. Este é o preço, universalmente cobrado, de todos aqueles que desejam fixar-se e deitar raízes em qualquer cidade.

SÃO PAULO DEVE PARAR?

Nos termos e resposta que já dei, e em virtude das dificuldades terríveis que teríamos para disciplinar o explosivo crescimento demográfico de São Paulo, creio que o caminho mais viável é justamente a adoção de medidas duras e rigorosas — como, por exemplo, a desconcentração industrial — para refrear e estabilizar o nível populacional da cidade.

O QUE A CÂMARA PODE FAZER

Basicamente, exercer pressão política sobre os responsáveis diretos pela administração, no sentido de persuadí-los a um esforço crescente de humanização das condições de vida e trabalho da população, especialmente da população radicada nas áreas periféricas do Município, onde mais intensa e dramaticamente sente-se e constata-se o grau absurdo de desumanização a que o caótico e explosivo crescimento da cidade nos conduziu.

CÂMARA: ESCOLA POLÍTICA?

É. E prova disso é que nela iniciaram sua carreira política, por exemplo, o ex-presidente Jânio Quadros, numerosos parlamentares federais e estaduais, secretários de Estado de hoje e do passado, e diversos conselheiros de Tribunais de Contas. É na Câmara Municipal que o político adquire a experiência básica, nascida do contato direto com a coletividade e com o Poder Público para, a partir daí, alçar vãos mais altos.

RELAÇÕES COM O EXECUTIVO

O relacionamento é normal. As dificuldades eventuais que surgem são dificuldades naturais dentro do quadro de relações entre Executivo e Legislativo. O que é fundamental destacar é que esse relacionamento tem sido extremamente produtivo, gerando instrumentos legais indispensáveis para a correta administração da cidade. Minha isenção na presidência, como arenista, decorre naturalmente do exercício do cargo. Não se trata, portanto, de virtude que se deva destacar ou exaltar. Além disso, trago comigo a experiência que tive no ano de 1972, quando exerci o mesmo cargo, sendo que, sob esse aspecto específico, jamais sofri qualquer restrição por parte de meus colegas.

Embora minoritário, o partido de oposição tem exercido seu papel com moderação e espírito construtivo.

— continua na Página 5 —

Quarta semana de sucesso! Mais uma geração está assistindo e admirando Charles Chaplin.

"O Grande Ditador" é uma sátira a Hitler, a Mussolini, à conquista da Áustria, à maníaca sede de dominação. Caricatura, com muito engenho, a ação dos ditadores e o poder totalitário. E o espectador, ao assistir este filme de Chaplin, mais uma vez reage em risos e lágrimas.

Há nesta grandiosa obra dois papéis principais, ambos encarnados por Chaplin: o barbeiro judeu e Hynkel (Hitler).

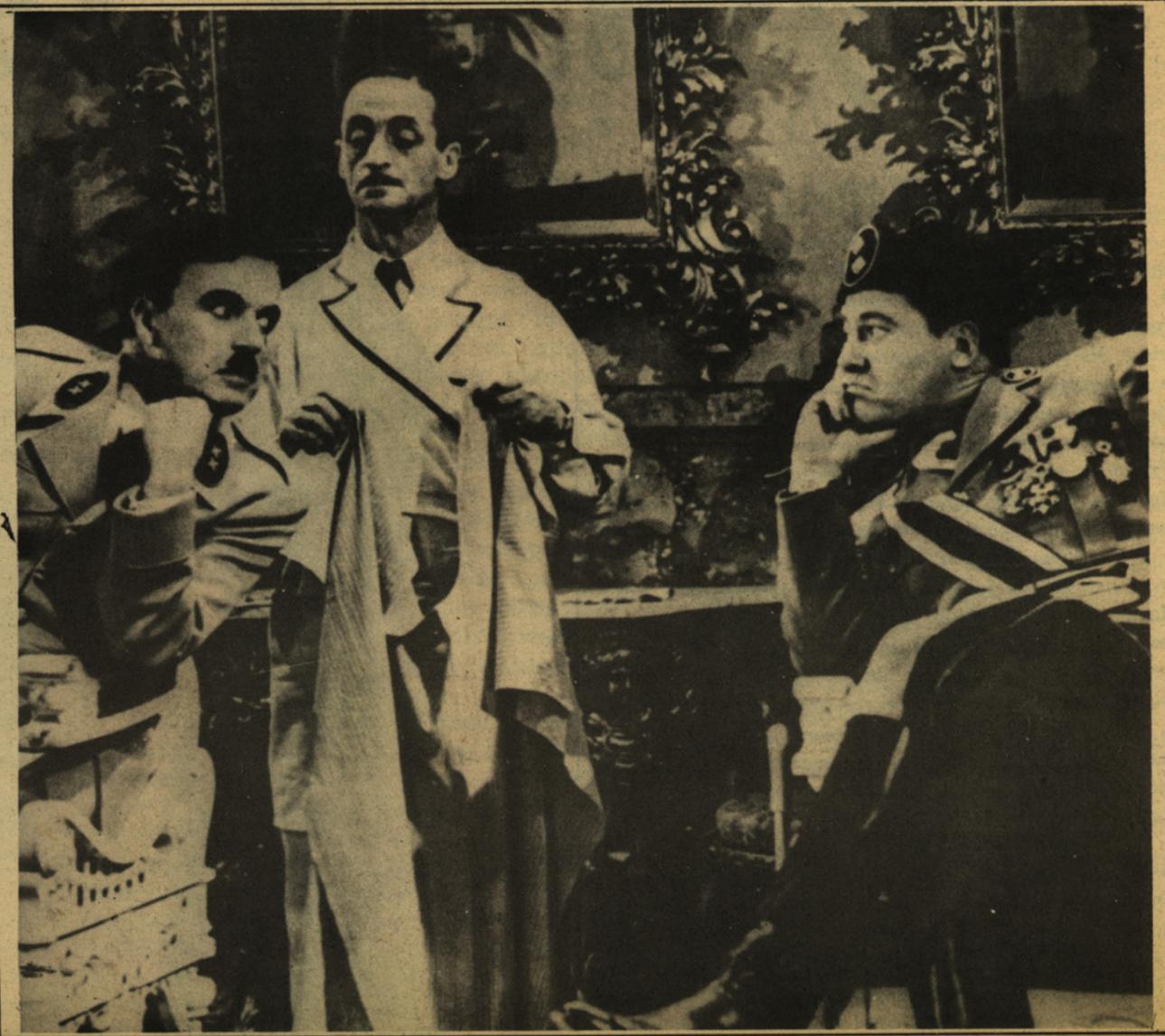
Várias cenas ratificam o título de "gênio do cinema" ao criador do "vagabundo". Lembremos aqui a notável dança de Hynkel-Hitler com o globo plástico em que figura o mundo. Neste episódio, Chaplin mostra o absurdo da sede do poder que culmina com o estouro do mapa-mundi e Hynkel chorando sobre o globo destruído.

M. Bleiman comenta: "Chaplin interpreta com tão incrível brio de maníaco convencido, que ela parece possível e real, o mesmo ocorrendo na cena da barbearia onde Hitler e Mussolini, em concorrência, disputam qual dos dois chega mais alto e levantam até o teto as cadeiras do barbeiro. O exagero, o grotesco, a extravagância, uma audácia incomum na imagem satírica, aproximam Chaplin aos melhores exemplos de arte política. Pode-se pensar em Heine e em Maíacovisqui, e não por mera casualidade, posto que a admirável fusão lírica com a polêmica, característica da arte de ambos os poetas, é também característica de Chaplin de "The Great Dictator".

Ao mesmo tempo em que mostra a atrocidade do mundo da guerra, traz às telas a ingenuidade do amor entre o barbeiro-judeu e a judia Hannah.

Chaplin pinta com maestria as características desta época. Há, entretanto, alguns detalhes, como o do campo de concentração, que não correspondem à barbaridade deste tempo. Devemos nos lembrar de que este filme foi realizado em 1940, antes das terríveis atrocidades da segunda guerra.

Em sua autobiografia, publicada em 1964, Chaplin vem explicar que "se soubesse dos horrores que se perpetravam nos campos de concentração alemães, não poderia ter realizado "O grande ditador" pois não conseguiria fazer graça à custa da demência homicida dos nazistas".



REPERCUSSÃO NA ALEMANHA

O lançamento de "O grande ditador" provocou cólera em Hitler. Sua figura fora ridicularizada. O "Fuehrer" irritou-se. Aquela imagem não poderia ser vista pelo mundo.

Urgentes missões diplomáticas foram realizadas. O embaixador Dieckenhoff, da Alemanha nos Estados Unidos, ameaçou de sérias represálias caso o filme fosse liberado.

"The Great Dictator" foi interdito.

Nesta época os Estados Unidos possuíam numerosos mercados consumidores na zona centro-europeia e o melhor seria não atrair antipatias por causa de um simples filme.

Entretanto, após o episódio de Pearl Harbour, que motivou a entrada dos EUA na segunda guerra, o filme foi liberado.

CHAPLIN E A CONFIANÇA NO HOMEM

"O Grande Ditador" é o primeiro filme de Chaplin totalmente falado. É a primeira vez que resolve sair do silêncio.

Com o advento do cinema falado, em 1929, Chaplin não deixou o cinema mudo como fizeram os seus contemporâneos, pois considerava "o cinema uma arte pictórica. O som aniquila a grande beleza do silêncio".

Entretanto, com o estourar da guerra, com a perseguição do povo judeu ele resolveu falar.

O discurso final do barbeiro, confundido por Hynkel, que se dirige ao povo, é um hino em defesa da democracia e da liberdade:

"Lamento muito, mas não quero ser um imperador... Neste momento, minha voz alcança milhões de seres no mundo inteiro, milhões de homens, mulheres e crianças desesperados, vítimas do sistema que faz os homens torturarem e encarcerarem pessoas inocentes. Aos que podem ouvir eu digo: Não desistem! O ódio dos homens passará, os ditadores morreram, e o poder que eles usurparam do povo voltará ao povo. Enquanto houver homens que saibam morrer, a liberdade não morrerá..."

O homem precisa mais de sentimento, ele continua, "mais do que de máquinas precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência precisamos de bondade e suavidade..."

Chaplin, conclama o homem a lutar, não de olhos vendados atrás dos ditadores, mas lutar em favor da própria liberdade do ser humano:

"Não luteis pela escravidão. Lutai pela liberdade. Vós, o povo, tendes o poder de criar máquinas, o poder de criar a felicidade. Vós, o povo, tendes o poder de criar uma vida livre e maravilhosa, de

fazer da vida uma radiante aventura. Então, em nome da democracia, usemos este poder."

E após falar ao povo, que o aplaude entusiasta, volta-se às gentes perseguidas e ouvem-se as palavras de paz e esperança ao símbolo HANNAH:

"Hannah, ouves-me? Onde quer que estejas, mantém a cabeça erguida. As nuvens se dissipam. O sol as atravessa. Das trevas chegaremos à luz. Penetramos num mundo novo, onde tudo será mais feliz, onde os homens estarão acima da avidez, do ódio e da ferocidade. Tenha a cabeça erguida, Hannah! A alma dos homens pôs asas e pode finalmente voar até o Ideal, até a esperança que brilha por ti, por todos nós! Tenha a cabeça erguida, Hannah!"

E estas palavras finais encerram um dos maiores filmes do cinema mundial, revelando o Chaplin que acredita no Homem. O Chaplin que ama a espécie humana.

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Sobre a sugestão de MENSAGEM, de criação de um Conselho Administrativo para a cidade, com representações de várias instituições, considerou o Vereador Sampaio Dória:

Teoricamente a idéia é correta. Sua concretização, entretanto, tornar-se-ia tanto mais problemática e complexa quanto maior fosse o número de órgãos administrativos e entidades privadas que se pretendesse incluir na sua constituição. De certa forma há um esforço, por vezes espontâneo, por vezes dirigido, no sentido de se alcançar uma harmonização maior, uma maior coordenação integrada de planos, normas e investimentos dos diversos órgãos envolvidos. Os resultados desse esforço, entretanto, têm sido lentos e limitados, o que não significa, naturalmente, que se deva desacelerar ou desestimular esse processo de integração. O que não podemos é nos iludir com resultados substanciais a curto prazo.

Hoje, esse desempenho é, de um modo geral, sofrível e até mediocre. A única forma de alterar esse quadro consiste, a meu ver, na adoção de grandes remédios, os únicos eficazes, como os acima mencionados, e em torno dos quais existe hoje, afortunadamente, um consenso generalizado.

REPÓRTER — Finalmente, Vereador Sampaio Dória, a sua mensagem para o povo, neste período em que se comemora o 422º aniversário da Fundação de São Paulo.

O que considero fundamental é que não nos deixemos contagiar pelo desencanto, pela descrença e pelas dúvidas terríveis que o deplorável estado atual de nossa cidade nos inspira quanto ao futuro. Deve nos motivar, isto sim, a luta pela conquista de determinados objetivos, como, por exemplo, os que foram citados e descritos na resposta sobre controle da expansão demográfica do Município. A progressiva desconcentração de suas atividades industriais; a redistribuição mais equitativa da receita tributária da Nação, a fim de dotar os municípios brasileiros, especialmente os das capitais de Estado de meios, instrumentos e mecanismos mais compatíveis para o desempenho funcional que a própria Constituição Federal lhes prescreve, ou seja, o de prover o bem-estar material da comunidade.

ASPAG
A SAO PAULO ARTES GRAFICAS LTDA.

Executamos sob encomendas:

Revistas, Catálogos, Folhetos, Cartazes, Folhinhas, Embalagens em Cartões Micro Ondulados e Demais Impressos em Off-Set.

Impressos Comerciais em Sistema Jato, Leitura Ótica e Demais Impressos de Segurança

Impressos em Geral em Sistema Tipográfico

«IMPRESSÃO QUE IMPRESSIONA»

Consulte-nos sem compromisso
AV. BOSQUE DA SAUDE, 2031-53
TELEFONE: 63-7704 e 63-7706

Mensagem Literária

O CASARÃO

A captação da vida e da morte em "O Casarão", mostra que a virtude maior de Caio Porfírio Carneiro é o artesanato. O livro começa pela morte. E é da imobilidade do cadáver que o autor vai distilar a vida. Não se espere o frêmito da vida, a inquietação e a angústia existencial dos nossos dias. A vida do casarão é lenta e secreta, envolta em sombra e episódios discretos. Caio não pretende excitar o leitor. Trabalha em silêncio e penumbra, como gravador de camafeu. As figuras em relevo vão surgindo pouco a pouco, no milagre dos detalhes.

Em "Os Meninos do Agreste", livro anterior, esse artesão paciente mostrava-se irrequieto e nos dava cenas trepidantes. Esse contraste revela a sua capacidade de integração no tema. Mas os dois livros se ligam pela constância da fé na palavra e pela busca do implícito. O que ele pretende é arrancar a vida dos pormenores pela técnica do gelo seco nas operações de catarata, sem machucá-la. E para isso é preciso paciência chinesa e sabedoria de mandarim.

Num tempo em que tudo é frenesi, este contista do agreste e dos ambientes patriarcais não entra na guerra de nervos. Dá as costas à trepidação do presente e mergulha nos aboios do passado. E essa atitude equivale a uma profissão de fé na perenidade da arte. Suas páginas têm algo de um Proust caboclo, sem o decalque estilístico de Cornélio Penna (com dois nn). Não é por acaso que inscreve no portal de "O Casarão" a legenda de Cornélio: "Tudo se conservava nos mesmos lugares, há muitos e muitos anos..."

Como na teoria da revivescência, de Ernst Cassirer, Caio arranca a vida oculta das coisas mortas. Por isso estes contos não têm cheiro de mofo, mas gosto de vida. A segura estilística de Caio (irmão literário de Gaciliano) tem a força das palavras messiânicas ressuscitando Lázaro. O cadáver do primeiro conto, exposto na sala do casarão, não era ponto final, mas reticência. Da calva e dos bigodes do avô morto repontavam as ásperas discussões dos herdeiros. Não era um cadáver o que ali se encontrava, era a herança.

O artesanato de Caio se confirma neste livro como um desafio à literatura de consumo. O escritor não leva em conta a moda e as exigências do mercado. Só lhe interessa o prazer estético de criar (que na verdade é um recriar) e de fazê-lo de cinzel em punho, atento à perfeição da obra. Mas no fundo desse desligamento do presente há uma ambição literária sempre válida — um lugar entre os clássicos.

CRÔNICAS DE MARIAZINHA

"Vamos mudar de assunto", último livro de crônicas de Mariazinha Congilio, aparece ilustrado por Menotti Del Picchia. Conjugam-se assim, nesse volume, duas sensibilidades poéticas em formas complementares de expressão. As ilustrações de Menotti correspondem, na leveza de seus traços e de sua concepção, à leveza dos textos. Cronista e poetisa, Mariazinha insiste em amenizar os tempos áridos em que vivemos com as suas divulgações em torno de coisas e episódios do dia a dia.

O gênero é aleatório e a escritora sabe jogar com os assuntos de maneira espontânea, transformando-o numa espécie de conversa com ninguém e com todos.

Mariazinha formou, com seus livros de crônicas, uma roda de conversa que se alargou além das nossas fronteiras. O que mais



se admira é a possibilidade disso nos dias agitados e angustiados por que passamos. Tem-se a impressão de uma comunidade estranha à realidade escaldante do mundo, que se entrega a conversas de salão (quando os próprios salões já desapareceram) sem levar em conta as epidemias, a fome, a ameaça atômica, os massacres e bombardeios, os regimes de terror que devastam a Terra.

Há tanta ternura egocêntrica nas páginas desse livro que a gente tem pena de perturbar essa comunidade angélica. Todos louvam essa poesia intimista que nos mostra o mundo pelos olhos alienados do Dr. Pangloss. Mas em nome das crianças famintas, das mães desesperadas, das vítimas de assaltos e matanças, dos que morrem e matam em nome de Deus e dos milhões de criaturas esmagadas nos campos de concentração, devoradas por doenças implacáveis, e outras tantas que não podem conversar com tanta espontaneidade, será de bom alvitre lembrar a Mariazinha que o seu treino literário já lhe dá condições para tentar uma literatura mais realista e atuante.

A crônica se tornou tão anacrônica que desapareceu até mesmo das revistas e jornais. As colunas sociais se transformaram em feiras de vaidade, sem lugar para divagações poéticas. E a poesia é hoje uma arma de combate e não forma de entretenimento.

Que nos perdoe a alegre elegante cronista, mas queremos lembrar-lhe que está em condições de entrar no terreno da literatura de ficção, substituindo suas crônicas por contos em que a realidade pode aparecer em transfigurações valiosas, numa contribuição efetiva e para as nossas letras.

A FLOR E O ESTANDARTE

A insatisfação do escritor é a prova maior da sua capacidade criadora. Escrever um livro e esquecê-lo é crime de leviandade. O verdadeiro artista está ligado à sua obra de tal maneira no processo endopático da criação, que não pode rejeitá-la sem com isso extirpar um pouco de si mesmo. Essa autoinfidelidade o desliga de sua própria vida, das experiências vitais que são a fonte natural do seu poder.

Ibiapaba Martins se legitima em sua obra. Já consagrado pela crítica como narrador exímio, reaparece agora nas livrarias com um romance que confirma e amplia as suas qualidades, mas que sobretudo o consagra na legitimidade da sua vocação.

"A Flor e o Estandarte" não é apenas mais um romance de sua lavra. É a continuação do seu trabalho literário sincero e vivencial, que não se arranca da memória, mas de todo o seu psiquismo telúrico, densamente carregado de esperanças e sofrências.

Numa nota introdutória informa que esse novo livro é a "versão modificada da primeira parte de "Sangue na Pedra", romance que lançou em 1955. Vinte anos depois, Ibiapaba não se contenta em continuar desenvolvendo a sua obra, mas volta a ela para recriá-la, no anseio de lhe dar a amplitude que não conseguiu atingir na primeira tentativa. E não há dúvida que conseguiu o seu intento, apresentando-nos um romance paulista em tema e sangue, já não mais na pedra, mas no chão que o absorve.

O afã de Ibiapaba Martins, na "Obra", que se configura em oito volumes, é o de nos dar uma história viva de São Paulo das gentes e não dos arranhacéus.

"A Flor e o Estandarte" evoca momentos conflitivos da vida política de São Paulo e do Brasil. Começa pela desorganizada reação da revolução constitucionalista à ditadura getulista e se desenvolve nas suas consequências desastrosas. As frentes de luta, os batalhões desorientados, a "patrulha dos nove fora" tipificando a hora amarga da derrota, a cidadezinha de São Domingos glorificando os heróis mortos, todo o panorama de uma frustração coletiva no enleio de um romance amoroso.

As lutas sociais subsequentes e o famoso Presídio Maria Zélia dão-nos uma visão remota de acontecimentos que, não obstante, são do nosso tempo.

Ibiapaba Martins reafirma os seus dons de narrador apegado a uma realidade histórica que é a sua argila, o barro paulista em que recria uma fase dramática de São Paulo.

SAGARANA - EMOTIVA

Dois jagunços tinham encontro marcado em nossas letras: João Guimarães Rosa e Paulo Dantas. O que foi esse encontro, como se deu, no que resultou e o que representa são coisas que estão agora ao alcance de todos no livrinho "Sagarana Emotiva". Dantas conta em poucas páginas o que foi a amizade pessoal de ambos. Coube a Dora

DOGMAS DA RAZÃO

JÚLIO VIEIRA
(da Universidade de S. Paulo)

É negável que, através dos séculos, o conhecimento científico vem ocupando um lugar de importância crescente na História das Civilizações. Seus sucessos estrondosos, materializados nas conquistas tecnológicas, lhe conferem um papel primordial como instrumento humano na luta pelo domínio do meio físico. Seu poder já se mostrou capaz de raspar os próprios limites deste planeta.

Na atualidade, assistimos à culminação do prestígio desta que vamos chamar Ciência, sem preocupação em definir seus contornos exatos. Por toda parte, quase sem distinção de países, credos políticos ou classes sociais, disseminou-se uma atitude generalizada de reverência a essa entidade, mais concreta para alguns poucos, mas indiscutivelmente abstrata e até mesmo misteriosa para a grande maioria. É exatamente neste aspecto que queremos fixar a atenção.

Podemos associar o primeiro contacto que todos — ou pelo menos os que tiveram oportunidade de escolarização — tiveram com o método científico de conhecimento, aos primeiros tempos de escola. Praticamente sem exceção, porém, os processos de ensino existentes hoje em dia, até mesmo nas Universidades, nos apresentam a Ciência com as características de uma verdade revelada, um formidável edifício, produto de uma sabedoria superior, praticamente acabado, pronto para ser entregue aos homens comuns. E, assim mesmo, todos são concordes em que somente uns poucos escolhidos terão acesso aos segredos mais profundos.

Veremos que a semelhança destas e de outras características, com as que normalmente definiriam uma crença religiosa, não são mera coincidência.

De fato, que maior triunfo para o sucesso de uma doutrina nos tempos que correm, do que dizer-se fundamentada apenas e tão somente na Razão, sem dogmas e sem ter que chamar pela fé e, além de tudo, apresentar feitos retumbantes, realizações palpáveis, visíveis, cheiráveis, à prova de qualquer incrédulo?

Alie-se a isso uma instituição formidável, fortemente, hierarquizada, com dimensões universais, para zelar pela doutrina; promovendo a comunicação dos membros desta instituição, entre si ou com o mundo exterior, através de uma linguagem esotérica, inacessível à maioria das pessoas e ter-se-á a receita completa do êxito e do prestígio popular.

Ressalte-se, de passagem, que a comparação não se refere à Ciência, propriamente dita, como acervo de um setor do conhecimento humano, mas sim ao uso que se tem feito dela, ou, mais exatamente, ao culto que se em feito a ela.

A própria comparação deste culto a uma religião não daria, por si só, motivos a críticas, não fosse o dogmatismo que na verdade existe por trás da aparência de pura racionalidade e o perigo que surge do fato desse dogmatismo não ser reconhecido pela doutrina, gerando uma participação em setores da vida humana onde sua atuação é bastante discutível.

Um primeiro dogma latente nesse cientificismo é o que considera o conhecimento científico como o único verdadeiro. Ora, uma crença deste teor leva uma supervalorização do racional, em detrimento de outros aspectos do ser humano. Esta distorção é agravada

quando se observa uma tendência à hierarquização dos vários ramos da Ciência, confrindo-se grau elevado às ciências mais "matematizadas". Por si só, o papel da Matemática como critério de hierarquização justificaria todo um estudo, pois deve-se indagar do motivo da escolha de uma ciência cuja tendência moderna é trabalhar com elementos cada vez mais abstratos.

O progresso da Humanidade é encarado como análogo ao progresso científico e tecnológico, o que barra qualquer indagação sobre a validade das transformações que a tecnologia tem executado no planeta. Os problemas que surgem (poluição etc.) serão resolvidos por novos instrumentos, jamais por uma contenção, por exemplo, no ritmo de industrialização. O progresso da Humanidade é encarado como análogo ao progresso científico e tecnológico, o que barra qualquer indagação sobre a validade das transformações que a tecnologia tem executado no planeta. Os problemas que surgem (poluição etc.) serão resolvidos por novos instrumentos, jamais por uma contenção, por exemplo, no ritmo de industrialização. Não se coloca, também, a questão do desenvolvimento do Homem como indivíduo: indiscutivelmente o progresso científico levará a um Homem mais completo e mais feliz. Esta crença conduz a um mito ainda mais grave, ou seja, só a Ciência e sua tecnologia podem resolver os problemas da Humanidade. A proliferação de artigos, livros, filmes, programas de televisão etc. abordando pareceres de especialistas sobre os mais diversos temas — relacionamento sexual, comparação entre tipos de parto, problemas médicos em geral, psicologias dos mais diversos tipos e objetos, e assim por diante — demonstram a crença generalizada na Ciência como panacéia universal. Mais do que isto, as pessoas estão sendo levadas a transferir o poder de decisão, sobre os diversos aspectos de suas vidas, para os especialistas, tendendo a uma atitude passiva diante dos problemas. Tudo se torna mais grave com respeito a nações e governos que, quando não transferem as decisões para os especialistas, utilizam-nos para justificar as próprias decisões, certos de, com esse respaldo, enfraquecerem as possíveis oposições. Em campos como a moral, a economia, a política e outras, é de se antever quão nociva tal prática pode ser, pois são áreas que exigem mais do que uma soma de conhecimentos ultra-especializados, necessitam de uma sensibilidade ampla para um sem número de aspectos, algo difícil de ser preenchido por uma instituição que faz seus membros saberem cada vez mais sobre menos coisas.

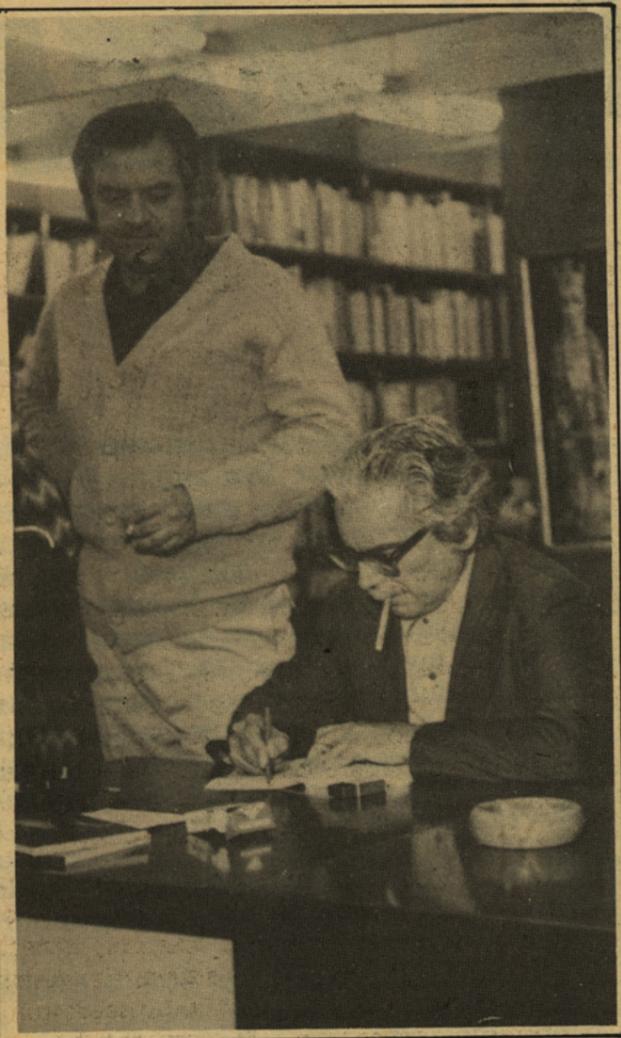
AGONIA DAS RELIGIÕES

J. HERCULANO PIRES

é uma revisão de conceitos envelhecidos sobre religiões, ateísmo, materialismo e pragmatismo, revelando uma posição nova do homem ante essas questões na Era Cósmica. Um livro que integra o homem no Cosmos, dando-lhe o lugar certo entre todas as suposições incertas. Claro, objetivo, corajoso e sobretudo audacioso. Não ameaça nem agride, mas esclarece.

EDIÇÕES PAIDÉIA

Rua Dr. Bacelar, 505 — CEP 04026
Fone: 549-3053 — São Paulo



Ferreira da Silva escrever o prefácio. Um livrinho delirante, que Dantas classificou como "um manual das demasias do coração".

De lado a lado os jagunços se derramam em efusões emotivas, na pureza da intimidade sertaneja. Guimarães Rosa, afeito às metamorfoses do sertão, onde lagarta vira borboleta e cobra troca de pele com facilidade, vai escrevendo um a carta e a transforma em poema, saudação de poesia cabocla ao jagunço que espreita no Planalto enquanto ele delira no Rio com os seus personagens de sonho.

Por falar em sonho, Dantas confirma o que já se sabia à boca pequena: Guimarães Rosa era médium. Dá mesmo a relação das estórias que Guimarães recebeu em sonho. Uma delas, que lhe surgira por intuição, foi escrita numa sexta-feira, mas durante a noite Guima a refez em sonho e no sábado teve de reescrevê-la. Isso é o próprio Guima quem conta numa das cartas agora publicadas.

Mediunidade é coisa de escritores, de artistas e pensadores, de gente que vive mais do espírito que do corpo. Médium foi Guimarães Rosa, médium é Paulo Dantas, médiuns sertanejos que ouvem vozes, têm sonhos premonitórios, visões de outras esferas. Podiam, se não tivessem saído das brenhas, dos chapadões das Gerais ou das águas sem fim do Rio São Francisco, ser pais-de-santo em terreiros de macumba ou "aparelhos" de alta valia em mesas-brancas sertanejas.

Sem a ajuda da mediunidade, que hoje chamam de percepção extra-sensorial, Homero não teria escrito os seus poemas, Shakspeare as suas tragédias, Platão a sua filosofia.

O livro acaba num poema a quatro mãos, de Paulo Dantas e Dora Ferreira da Silva, exaltando a grandeza de Guimarães Rosa:

— Ariel montado/num galopante cavalo azul/de arreio prateado.

Várias cartas de Rosa são reproduzidas em fotocópias perfeitamente legíveis. "Sagarana Emotiva" é um documentário da amizade jagunça em plano literário.

CORPO E ALMA

3 — Jesuitas e Caciques

PLANO DA SÉRIE

1. A Cidade Terrena e a Cidade Celeste.
2. O Deus do Mar e a Deusa da Terra.
3. Jesuitas e Caciques fundam a Cidade.
4. Gigantes de Botas de Sete Léguas.
5. Lâmpioes de Gás e Iluminação Lunar.
6. Surto Cafeeiro e Nobreza do Café.
7. Martinelli: um salto sobre os telhados.
8. O rush Agro-Industrial.
9. O Caldeirão Racial dos Trópicos.
10. Nova Babilônia às Margens do Tietê.
11. Psicopatologia da Metrópole.
12. Os Enigmas da Alma Bandeirante.
13. O Complexo Metropolitano.
14. Civilização Caipira e Cosmopolitismo.
15. Abertura Tecnológica da Era Cósmica.
16. Expansão Cultural e Universitária.
17. O Aqui e o Agora de São Paulo.
18. Perspectivas para o Ano 2.000.

Esta série de trabalhos sobre a Cidade de São Paulo, iniciada em nosso n.º 5, devia ter maior desenvolvimento na Edição Especial de Janeiro-Febrero, comemorativa do 422.º aniversário da metrópole o que não foi possível. O trabalho introdutório tratando do primeiro tema do plano e intitulado "A Cidade Terrena e a Cidade Celeste", foi de autoria da Redação de MENSAGEM, como logicamente devia ser. Por isso não apresentou-se com nenhuma assinatura individual. O segundo, que hoje divulgamos, é de autoria pessoal do nosso diretor, que o assina. Os trabalhos seguintes serão de autoria de vários estudiosos de renome, que focalizarão os temas seguintes do plano ou desenvolverão subtemas por eles propostos, de acordo com seus interesses ou suas especialidades. Haverá, portanto, flexibilidade no desenvolvimento do plano. A publicação será feita ao longo de todo o ano de 1976, podendo prolongar-se em 1977, conforme o interesse demonstrado pelos nossos colaboradores nesse mútuo cultural.

Até o momento, aceitaram os nossos convites os seguintes intelectuais: Raimundo de Menezes, presidente da União Brasileira de Escritores e membro da Academia Paulista de Letras; Caio Porfírio Carneiro, contista e secretário da UBE; Brasil Banecchi, historiador; Clóvis Moura, sociólogo; Hermann José Reipert, romancista, J. Pereira, editor científico dos "Diários Associados"; Ibiapaba Martins, romancista. Outros convites estão sendo formulados. A variedade das posições pessoais dos colaboradores no trato dos temas permitirá uma visão diversificada e mais rica da problemática paulistana, sem prejuízo da unidade da série. O romancista e ensaísta Paulo Dantas foi o primeiro a nos enviar uma colaboração que publicamos neste número.

J. HERCULANO PIRES

(Do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo)



A FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO foi um ato de amor. Esse amor se manifesta em dois planos horizontais: o amor ao próximo, que levava os jesuitas ou "soldados de Jesus" a querer converter os índios para salvá-los da perdição dos pecados, e o amor à terra do paraíso perdido que os padres reencontravam nos Campos de Piratininga. Mas a terceira dimensão desse amor se voltava para Deus, num impulso vertical de adoração ao Criador. Esse o carisma de São Paulo dos Campos de Piratininga, que não nasceu da terra por interesse material, nem para ser defesa militar da costa ou entreposto de comércio marítimo. Por isso a grandeza de São Paulo não pode ser pesada na balança dos financistas e a sua história não pode reduzir-se a uma sequência de episódios cronologicamente encadeados.

A verdadeira História de São Paulo ainda não foi escrita, pois na verdade ela não pode ser uma história, tem de ser uma parahistória. Como já vimos no caso de João Ramalho e Bartira, há mais significados ocultos entre a praia de São Vicente e o Planalto piratiningano do que podem supor os nossos historiadores. Tudo o que se fez até agora foi um trabalho de base no plano horizontal da realidade concreta. Mas chegou o momento — no limiar da era cósmica — em que o sentido vertical da história paulistana exige vôos de astronautas.

Quando André Bréton, autor do manifesto surrealista, visitou o Brasil, declarou que havia encontrado um país surrealista. A supra-realidade de Bréton não passava da dinâmica do inconsciente, mas não há dúvida que ele captou o aspecto supranormal de um mundo novo que nascia em Piratininga. Como assinala o historiador Hernani Silva Bruno, com apoio em outros observadores, São Paulo é a cidade que nasceu e cresceu como por milagre, numa fase em que todas as fundações brasileiras eram litorâneas e atendiam a exigências práticas do povoamento e do comércio costeiro. Uma cidade-milagre, em que hoje, por sinal, vivemos também por milagre.

PADRES E CACIQUES

A terra verde sob o céu, núvens e aves coloridas, rios piscosos e árvores frutíferas, a descendência nua e pura de Adão e Eva com suas tangas e cocares de plumas, Tupã clamando com sua voz de trovão nas alturas abismais — todo o quadro bíblico do Paraíso Terrestre descortinava-se ao olhar assombrado dos Padres da Companhia de Jesus. O Tigre e o Eufrates eram substituídos pelo Tietê e o Tamanduateí. Por certo a Misericórdia Divina havia perdoado os filhos rebeldes. Do outro lado do mundo Iavé renovava a experiência da vida paradisiaca. Se Nóbrega, o Provincial, aplicava o senso prático do português na execução das tarefas redentoras, Anchieta, o canarino, deixava-se levar pela intuição poética das Ilhas Canárias, tradu-

zindo os cantos melódicos das aves em poemas de louvor à Mãe Divina.

As disputas sobre quem fundou São Paulo, se Nóbrega ou Anchieta, desaparecem à luz da parahistória. O ato de fundação é o resultado de um complexo de fatores mesológicos e paramesológicos, endógenos e exógenos, em que os indivíduos e os grupos de indivíduos funcionaram como vetores e blocos vetoriais de tempo-energia, impulsionados por anseios utópicos e idéias-padrões de um ideal comum. Como em todas as grandes realizações históricas, a liberdade humana consistia no entrosamento consciente, mas baseado em elementos afetivos que determinavam e disciplinavam a comunhão de esforços na direção do alvo ideal.

Podemos distinguir três grupos bem definidos nessa conjugação heterogênea: as tribos indígenas, os sertanistas do arraial primitivo e os padres jesuitas. Coube a estes a liderança, como elementos de uma civilização superior guiados por objetivos definidos. Os sertanistas aparentemente eventuais e os indígenas funcionaram como unidades atraídas pela força de gravidade do grupo jesuítico. No grupo indígena os caciques sintonizaram-se intuitivamente com os ideais dos padres, como expoentes dos fatores endógenos, integrando-se no complexo sócio-cultural em desenvolvimento. Os sertanistas, ao que parece, foram mais atraídos pelas exigências socializantes do "aqui e agora" em que se viram envolvidos.

Para os caciques, dos quais se destacam os nomes históricos de Tibiriçá, Caubi e Piquerobi, a ação dos jesuitas representava uma abertura fascinante no estreito horizonte-tribal em que viviam, descortinando-lhes as perspectivas de um novo mundo. Os anseios latentes na alma indígena, no plano inconsciente dos arquétipos junguianos da espécie, encontravam a oportunidade existencial de atualização. Nóbrega era a consciência européia investida dos poderes de orientação. Anchieta o coração canarino, embalado nas reminiscências dos trinados canoros e da poesia bucólica de Tenerife, sempre fiel aos sonhos dos seus 17 anos de noviço em busca da Terra de Canaã. Foi nesse complexo ideo-psíquico de extrema sutileza moral e extrema simplicidade material (aparente) que Jesuitas e Cacique fundaram São Paulo. Os mundos antípodas de uma civilização primitiva e de uma civilização avançada fundiam-se na mesopotâmia paulista, ainda sob o influxo remoto do fiat.

DINÂMICA DE GRUPO

As instalações jesuíticas de São Vicente funcionaram como cabeça-de-ponte para a penetração nas selvas do planalto. Foi ali que Nóbrega e Anchieta conviveram durante catorze anos, conjugando-se nos trabalhos preparatórios da missão que os esperava. João Ramalho, que também começara pela praia vicentina, se não fundou (pois esse é um dos enigmas na nossa História) na verdade foi quem estruturou e desenvolveu o arraial de Santo André da Borda do Campo,

DE SÃO PAULO

es fundam a cidade

submetendo as tribos do planalto à sua orientação. Contrastam com a sua posição de chefe branco das tribos as afirmações de historiadores, até mesmo de Rocha Pombo em sua "História do Brasil", de que o seu negócio principal era a venda de índios no litoral como escravos. Parece mais certo que Ramalho tenha agido com a prudência e a lealdade necessárias na conquista do prestígio que manteve sobre as tribos que lhe foram sempre leais, valendo-lhe também o prestígio das autoridades portuguesas em toda a sua vida. O fato inegável é que Santo André funcionou como segundo ponto avançado da conquista do planalto e como elemento decisivo na consolidação da fundação de São Paulo. Não é difícil perceber-se o plano histórico desenvolvido em etapas sucessivas, sem consciência prévia de todos os pormenores, e nem mesmo do lineamento geral, pelos que o realizaram.

A dinâmica do grupo jesuíta começou na ligação Nóbrega-Anchieta e desenvolveu-se progressivamente no entrosamento espontâneo dos demais elementos provindos de São

Vicente e Santo André para o núcleo do planalto. A designação do Padre Manuel de Paiva para superior do Colégio de Piratininga, quando Nóbrega teve de seguir para a Bahia, teve por motivo a capacidade administrativa do escolhido. A Anchieta coube naturalmente a função catequizadora. Era nessa função amorosa que lhe cabia a tarefa cultural de criar a literatura da nova terra, arrancando-a ao mesmo tempo do chão e da língua indígena. O poema à Virgem, escrito na areia úmida da praia, foi o nascimento virginal da poesia brasileira, impregnada dos elementos telúricos da gênese planetária e das energias psíquicas da nova era.

Se comparamos o que então faziam na Europa os jesuítas, na luta contraditória da contra-reforma, com a missão renovadora que o grupo jesuíta de Piratininga cumpria em nossa terra, veremos que os "soldados de Jesus", verdadeiramente fiéis, estavam no planalto paulista. O exemplo de abnegação que davam esses soldados sem soldos, no trabalho doméstico, nas lides de assistência à miséria indígena, no socorro aos brancos

transviados pela fascinação da selva, na pacificação das tribos rebeldes, revela que a dinâmica de grupo por eles desenvolvida refletia a estrutura da comunidade apostólica dos primeiros tempos cristãos, de que nos dá notícia o Livro de Atos dos Apóstolos. É curioso como, submetidos a uma disciplina eclesiástica duramente formalista, que lá fora desfigurava o Cristianismo, os jesuítas do planalto mergulhavam de corpo e alma no esforço primitivo, não obstante alguns desvios de perspectiva determinados pela herança cultural europeia. Exemplo claro desses desvios foi a atitude de Nóbrega, revelada francamente em seu "Diálogo da Conversão do Gentio". O próprio Anchieta participou das medidas de violência ali preconizadas, ante a rebeldia instintiva dos indígenas. É incrível como ambos não tenham percebido a defasagem cultural que impedia os selvagens de compreenderem realmente, assimilando como os jesuítas desejavam, uma religião superior. Essa foi a falha humana inevitável, determinada pelas forças atávicas da espécie, que se opôs aos desígnios da História, sem entretanto impedir que eles se realizassem no essencial.

Uma figura curiosa se destaca, ao lado de Anchieta, para contrabalançar essa falha. É a do Padre Leonardo Nunes, o Abarabebê, assim chamado pelos indígenas porque, à maneira da ave designada por esse nome, voava constantemente de um lado para outro, sem respeitar intempéries e dificuldades, para atender às necessidades da população de índios, mamelucos e brancos que crescia sem cessar em torno do Colégio. Quatro séculos mais tarde, um português da Freguesia das Águas Santas, Antonio Gonçalves da Silva, iniciador do movimento espírita no planalto, seria chamado popularmente de Batuíra, pelo mesmo motivo. E integraria esse apelido em seu nome. Batuíra era uma ave pernalta dos pântanos paulistanos, conhecida pela ligeireza com que corria e voava por todos os lados. Coincidências significativas, como hoje se diz em parapsicologia, que servem para ligar as fases históricas através dos tempos.

O SIGNO CARISMÁTICO

O carisma é uma graça divina. São Paulo, como vemos, nasceu e se desenvolveu marcado por essa graça. Sua missão carismática confirmou-se na História. A vila de casas de taipa e ranchos de pau-a-pique cobertos de sapé ou palmas de aricanga tornou-se o centro da expansão continental do Brasil. Bandeirantes e monçoeiros rasgaram as matas, perfuraram montanhas, escavaram minas, garimparam rios e semearam cidades até às encostas andinas. São Paulo construiu o Brasil nas dimensões continentais que hoje ostenta, estendendo sobre ele a rede linguística unitária que sustenta a unidade nacional. Mas isso não o fez arrogante e dominador. A mesma pluralidade racial que marcou desde o alvorecer a Vila do Colégio predomina hoje em sua estrutura humana, acrescida constantemente por um fluxo migratório na-



cional e internacional. O melting-pot paulista parece não ter limites e ampliou-se por todo o Brasil. O desenvolvimento da astronáutica faz-nos pensar numa futura população cósmica, acrescida pelas migrações planetárias de mundos em condições físicas semelhantes às do nosso planeta. Tudo se torna possível ante as perspectivas surpreendentes dos novos tempos.

Os sinais, carismáticos da cidade começam no ato de amor da sua fundação. Ao contrário das cidades fundadas segundo modelos traçados em Lisboa, como as do norte, São Vicente e Rio de Janeiro, São Paulo iniciou o estilo novo de um aglomerado ur-

bano espontâneo, formado aparentemente ao acaso, mas obedecendo a uma disciplina própria. Podemos dizer que à disciplina exógena do urbanismo europeu ela opunha a disciplina endógena do planalto. É hoje uma cidade típica de planalto e ainda continua, na fase metropolitana, a desenvolver-se de maneira arbitrária. O gosto brasileiro da liberdade e da improvisação atestam a sua vocação libertária, indócil às medidas do esquematismo convencional.

Será isso um mal, como sustentam os especialistas pragmáticos? Ou será um bem, a busca instintiva de novos rumos e novas for-

mas para um novo mundo que está surgindo? A tecnologia excessiva esmaga a espontaneidade da vida. Cidades nórdicas, estruturadas minuciosamente para o conforto completo do homem, como tem ocorrido na Suécia, na Dinamarca e na Holanda, acabaram gerando o tédio e o desespero, a criminalidade explosiva, a loucura dos tóxicos, a sensualidade sem freios. As inibições da técnica aprimorada e rigorosa transformam as cidades modelares em exasperantes prisões de pedra e aço, sem opções para a liberdade humana.

Clamamos hoje contra o excesso de população, as dificuldades do trânsito, o crescimento urbano desordenado. Mas é curioso lembrar que nos primeiros tempos, quando São Paulo era apenas a Vila do Colégio, os padres jesuítas já tiveram de enfrentar esses mesmos problemas. Os historiadores mencionam as medidas tomadas pelos padres para que o afluxo da população em torno do Colégio de Piratininga fosse dispersado com a criação de núcleos urbanos isolados nas circunvizinhanças, formando um cerco de vilas satélites que serviram também de sentinelas protetoras contra invasões de tribos selvagens inimigas. As medidas atuais de dispersão dos aglomerados maciços já eram tomadas no século XVI pelos fundadores de São Paulo, o que vale por uma previsão assustadora de providências que seriam exigidas num futuro longínquo.

O fato significativo de São Paulo, em pleno sertão, não haver sido cercado de muralhas defensivas, segundo o modelo europeu seguido pelas cidades do norte, mostra ao mesmo tempo o espírito inovador dos fundadores e o amor da nova raça pela liberdade. A confiança do indígena e do sertanista em suas próprias forças fundia-se com a fé dos religiosos nos poderes celestes. A fé humana e a fé divina misturavam-se numa espécie de displicência vital ou de confiança intuitiva nos poderes da vida. E nem mesmo os ataques das tribos selvagens à Vila do Colégio conseguiram convencer os padres e os caciques de que deviam isolar-se das selvas num pequeno mundo fechado. O amor à terra, às matas, aos rios, aos ventos, ao céu aberto sobre as extensões desconhecidas formava o novo homem que deveria integrar-se na Natureza confiante em si mesmo. A vila aberta e livre prenunciava o bandeirismo.

A MÍSTICA DA TERRA

Encarada nessa perspectiva parahistórica, em que os fatos não contam apenas em si mesmo, mas também nos signos que encerram, nos significados profundos de sua própria essência, a História de São Paulo pode revelar-nos a alma da cidade. E essa alma se revela impulsionada pela mística da terra, orientada pelo anseio da transcendência horizontal que Karl Kaspers definiu no plano social, mas que em São Paulo se amplia e se aprofunda em sentido telúrico.

As técnicas pedagógicas mais atualizadas insistem na necessidade de preservarmos a infância na idade adulta, de não perdermos a riqueza dos afetivos dos primeiros tempos. O maior pedagogo moderno, Rousseau, até hoje com batido pelos espíritos sistemáticos, rebelou-se contra os portões fechados da cidade murada de Genebra e iniciou a revolução copérnica da educação. São Francisco de Assis, alma elúrica, falava ao Irmão Sol, a Irmã Lua, à Irmã Água, ao Irmão Lobo, aos irmãos Peixes e às aves irmãs. Essa é a mística da terra, que permite ao homem elevar-se a Deus na mística do céu, sem apego a formalismos religiosos.

Corpo e alma de São Paulo

SOB O SIGNO DO METRÔ

PAULO DANTAS

PAULO DANTAS, romancista de muitos romances e muitos prêmios literários, jaguço das letras sertanejas, irmão e companheiro de Guimarães Rosa, dá sua contribuição à série "Corpo e Alma de São Paulo" num desabafo de amor e dor pela cidade que o progresso devora. Na sua linguagem — que dentro dele acontece — procura dizer o que sente no corpo e na alma da cidade demolida sob o signo do metrô —, monstro furador de subterrâneos e túneis com muito conforto e rapidez elétrica e eletrônica.

É a primeira contribuição que nos chega, das muitas pedidas e prometidas. A técnica de Paulo Dantas é dizer mais por dentro que por fora, mais no brotar das palavras que nelas mesmas. O leitor sentirá a sua vivência paulistana de muitos anos, suas ausências acontecidas na prova da saudade, sua dor pelas coisas que desaparecem e seu amor pelas que surgem.

E verá que na sua linguagem só dele, mistura de sertão e civilização, a cidade impossível, metrópole das metamorfoses kafkanas, é apanhada inteira como mosca zumbidora numa teia, a teia de aranha do progresso devorador.

Paulo Dantas fala da cidade em ritmo de tenência e coragem, de cabra do sertão que pega o progresso urbano à unha e monta no touro em pêlo para subir encostas e descambar em buracos de tatús tecnológicos. Sua contribuição enriquece a nossa série de interpretação sócio-cultural e psico-parahistórica de São Paulo.

O metrô é isto: — tiraram os quatro cavalos de ferro que existiam, em estátua, na Praça Tiradentes e não sei onde botaram! Sumiram com o edifício onde morei, arrancaram o Largo de São Bento, a Praça da Liberdade, a Praça Clóvis Bevilacqua e outras praças, fazendo, debaixo delas, estações que são como pequenas cidades solitárias dentro da cidade grande. O novo caminho tem uma função destrutiva da memória popular, virada saudade, e vai, furando o chão, em nome do progresso urbano, a devorar quilômetros. Só respeitou o poluído Tietê porque a engenharia não podia com suas águas, daí ter passado por cima, feito trem aéreo, bifurcando-se, em leque, na Avenida Cruzeiro do Sul, buscando o final da sua linha Norte.

Esta cidade é progressista demais e nela não temos o direito de ter saudades, porque saudade dói e pertence ao passado.

E vai ser assim com o velho e seresteiro Brás, onde depois dos italianos, os teimosos nordestinos não morarão jamais. Vai ser assim com a Caetano de Campos, onde gerações inteiras estudaram suas lições. A ladeira da Memória já está cercada por máquinas e perfuradoras automáticas, mas eu preciso cantar esta cidade, amando-a mesmo em meio do pó e das demolições, sem contar com seus níveis poluídos, que aumentam o cinzento da sua cor, que vai acabar virando seu tom natural.

Como romancista, há anos atrás, prevendo o fenômeno desse pesado ônus que teríamos de pagar ao progresso, eu já escrevia, resignado, na "cidade cinzenta, mas amada" precisamos viver, temos de viver, amando e querendo bem as suas coisas boas ou ruins também.

Nos peitos, nos rins da cidade, neles estrangulados, não podemos chorar saudades, porque a cidade é um organismo vivo, que, dia a dia, se recompõe, assim como os nossos tecidos ou ilusões.

Sob o signo do progresso e no começo do Trópico de Capricórnio, bode astrologicamente doido,

a cidade se coloca, determinando destruições diárias, com as quais, em nome de uma nova filosofia de vida temos de nos conformar para continuar vivendo, apenas sendo, por dentro, saudosistas.

"Guindastes se erguiam no meio da rua como se fossem navios parados. Todo o começo da Avenida da Liberdade era uma demolição só".

Assim, quando para aqui voltei, escrevi noutro romance, sob o signo do metrô, que hoje tomo e volto para casa, tranquilo e menos cansado, embora saiba que aqui não se descança.

— Como um Riobaldo frustrado, eu já curti esta cidade, em saudades. Essas coisas que somente São Paulo possui: — neblinas em tardes úmidas, becos históricos demolidos, viadutos, calçadas rebentadas, avenidas estreitas alargadas, praças feias e tristonhas. Já curti bienais, carnavais inexistentes, sentimentos removidos, condutos subterrâneos, todas as vias certas ou erradas para se entender uma grande cidade que cresce sem respeito a nada e não pedindo licença a ninguém. Agora compreendo, em secreto entendimento, que basta ter um pouco de amor e de conhecimento para se obter um bocado de descanso na loucura coletiva desta grande metrópole enlouquecida pela febre do progresso, antepondo a poesia a todas as suas formas corrompidas ou aos seus níveis poluídos.

Nos gerais desvarios é preciso achar beleza nos seus movimentos, nos seus elevados e edifícios, prédios grandes que se avistam de todos os lados, até mesmo nos bairros. De longe ou de perto, há nela, cidade, toda uma poesia escondida em cinzento e concreto, poesia armada numa luz difusa, que, secretamente, muda de cor e de fétio a cada instante. Porque São Paulo é movimento incessante em ritmos dissolutos, em lutas e batalhas cotidianas; aqui não se descança, nem de noite, nem de dia. Aqui há nódulos e módulos de uma linguagem universal onde se misturam as línguas, os sentimentos das terras distantes, os sertões urbanos, os dialetos da riqueza e da miséria. Vejo favelas demolidas dando vez aos grandes edifícios, que, em vão, tentam acabar com a pobreza, planta teimosa e viçosa, crescida e inchada às margens dos córregos poluídos, das águas envenenadas, das velhas cicatrizes abertas.

Assim é São Paulo cantada numa linguagem nova, como agora faço, linguagem que dentro de mim acontece e me faz dizer que é preciso peito e raça, muita tenência e coragem para aqui se poder viver melhor.

Assinaturas de MENSAGEM

12 números — Cr\$ 50,00

Rua Dr. Bacelar, 505
04026 — São Paulo
Fone: 549-3053

Exemplar do mês 5,00
Atrasado 6,00

A interpretação dos primeiros tempos da cidade de São Paulo nos revela a riqueza telúrica da alma paulista, que das raízes errenas projetava ao céu o tronco robusto da fé em Deus. Escolhida a data de 25 de Janeiro (dia da conversão de Saulo de Tarso ao Cristianismo) realizou-se na capela de taipa, primeira construção erguida no atual Pátio do Colégio, em que os padres se abrigavam, com celebração de missa com a participação de índios, mamucos e brancos. São Paulo começava ali, entre as paredes toscas de barro e troncos vegetais, como se nascesse da própria terra, entre as árvores da mata. A simplicidade e a pureza do ato nos lembram a infância da cidade, que não se perdeu na memória histórica. Podemos ter esperanças, muitas e vivas esperanças no futuro de São Paulo e do Brasil.

ORGANIZAÇÃO CONTÁBIL — TEC-BRAS —

Aberturas — Transferências — Encer-
ramentos de Firms — Inscrição Para
Feirante e Ambulante — Requiri-
mentos — Documentos — Assessoria
Jurídica etc.

RUA TTE. CEL. CARLOS DA SILVA
ARAÚJO, 151 — FONE: 247-4784 —
SANTO AMARO — SÃO PAULO

O MISTÉRIO DE ANA PAULA

A menina Ana Paula, de um ano e dez meses, caiu do vigésimo andar do arranha-céu n.º 3.197, da Avenida do Estado, bateu num fio de alta-tensão e foi atirada na marquise do primeiro andar. Apesar da violência da queda e do choque violentíssimo com o fio elétrico, não morreu.

Levada ao Hospital Municipal da rua Vergueiro e submetida aos exames necessários, os médicos constataram que a menina não sofreu nenhuma fratura. O estranho fato ocorreu na manhã do dia 28 último, quarta-feira. Este número de MENSAGEM já estava praticamente preparado para a impressão. Os jornais diários de São Paulo acentuaram a perplexidade de todos os que participaram da estranha ocorrência. Ana Paula é filha da sra. Maria do Carmo Oliveira, residente no apartamento 2.022 do referido edifício.

Para os materialistas e positivistas o fato pode ser explicado pelas condições naturais do corpo infantil, cuja constituição óssea, ainda em fase de formação, não é tão quebradiça como a dos adultos. Ligando-se a isso outras condições próprias do organismo infantil e condições físicas da queda, a possível função de paraquedas exercida pelas vestes, a leveza do corpo e os ângulos de sua projeção no espaço, é possível explicar-se naturalmente o que os jornais deram como milagre.

A interpretação espírita de casos dessa natureza admite a função protetora de entidades espirituais, dentro das próprias condições das leis naturais. Essas entidades agiriam como elementos integrados no contexto dos fatores naturais e não em termos de milagre. Não se pode apelar para explicações sobrenaturais em casos explicáveis por leis naturais. O fato é incomum, mas não impossível. Só é paranormal (antigamente sobrenatural) um fato em que todas as possibilidades de explicação normal se tornam impossíveis.

Wladimir Leite Melo
(estudante, 19 anos, São Paulo)

SOU jovem e não preciso olhar no espelho para confirmar que sou bonito. Tenho olhos e cabelos castanhos que, junto com traços bem feitos e um sorriso cativante, encontram aprovação nos olhos das garotas que me paqueram. Não é farol, não, é sério mesmo isso. Vocês me perdoem, mas não vou poder escrever na minha linguagem, me disseram que não posso. Agora mesmo o cara do jornal me disse que é pra eu escrever como gente, vejam só que caretece! Mas vá lá!

Por que não tomamos o poder no mundo? Essa é boa. Por que ser jovem não é tão fácil assim. Na maioria, os jovens são ainda uns bebês de berçário. Se fossem todos como eu, o mundo seria nosso e a velharia estaria arquivada. A gente ia mudar tudo, começar tudo de novo. Eu queria que o Brasil fosse uma república, mas uma república de estudantes, sacou? Cada um ia fazer o que bem entendesse. O que? O cara aqui do meu lado está dizendo que isso seria a maior bagunça. Está por fora, chapa! Ninguém ia fazer nada que prejudicasse os outros, ia ficar cada um na sua e tudo bem!

Acho que a vida é pra gente viver, pra curtir. Mas viver como a gente quer e não como a tradição pretende impor, que isso é coisa de velho de museu, enferrujado. A gente ia lixar tudo, até os velhos e garanto que muitos bem que iam gostar. Agora, isso de família não se discute, é questão biológica e por isso mesmo se renova. Por que tem de ser sempre a mesma coisa, os mesmos nomes, essa tal de linhagem com pedigree, aquela estória de ossos do barão? Meu pai é quatrocentão, quadrado até nos gestos, mas minha mãe é filha de lingaros e um de meus

PINTURA 13000

GELADEIRA, MAQUINA DE LAVAR, ARMÁRIO DE AÇO, LAQUEAÇÃO, PINTURAS DE RESIDÊNCIA EM GERAL. Falar c/ Marco.
FONE: 65-1634.

CART A

(LUIZA PELINI — Tatuapé)

Gostei da posição de MENSAGEM no caso da Escola da Praça. Acho que precisamos lutar para preservar nossos monumentos do passado. Não é justo derrubar um prédio como aquele para construir no seu lugar uma estação do metrô. Sou a favor do metrô, mas acho que não se deve desvestir um santo para vestir outro. Fui aluna da escola, embora por pouco tempo, pois meus pais tiveram de mudar para o interior. Mas guardei sempre no meu coração a lembrança daquele casarão em que estudávamos com alegria e vontade. Ali se estudava de fato e se aprendia mesmo. Muitas gerações se formaram naquele prédio precioso.

Tenho esperança de que as nossas autoridades não mandem derrubar o prédio. Ele é um monumento da educação paulista e precisa ser preservado. Espero também que MENSAGEM não deixe de tratar do assunto, pois os seus argumentos são importantes e haverão de pesar na balança da justiça.

avós é italiano, sacou? Sou da raça internacional e agora vou ter de botar panca de ro-cocó? Sem essa, que quem está nessa não está com nada!

Sei que a experiência da vida vale muito, mas qual experiência? A vida não é como um fusca no trânsito, tendo de obedecer farol e guarda. Cada um tem de fazer sua própria experiência, percebe? A vida muda a toda hora, nosso tempo é outro. (Sim, vou escrever tipo "estadão", mas me deixe ao menos o direito de uma palavrinha de vez em quando, senão no fim nem eu mesmo vou aguentar ler isso que estou escrevendo).

Não, eu também não gosto de exageros, mas quero estar na minha para ser eu mesmo. De escritores nacionais só gosto de três: João Antonio, Millor e eu mesmo. Não publiquei nada, é claro, e acho que nem vou querer isso, mas escrevo e leio. Quando não gosto, rasgo, e tudo bem.

Sim, você tem razão. Reconheço que estou aprendendo, que temos de aprender, todos nós. De política não manjo bolufas, mas qualquer regime que me deixar viver e ser como quero parece bom. Música, gosto só de rock e batucada. Pode ser que com o tempo eu arranje paciência para ouvir a clássica, há nela alguma coisa que me chama a atenção. Bom, sexo é coisa séria, concordo, pois é através dele que nascemos, né? Neste ponto estou com os velhos: detesto a bagunça. Vou contar um segredo: gosto de escandalizar os velhos, mas é tudo farol. Falo que sou ateu, mas lá dentro, bem no fundinho, penso que Deus existe e peço perdão. Não acredito nos castigos de Deus, acho que ele é a inteligência da vida, mas ainda não esclareci direito este papo.

Lançamentos EDICEL

Parapsicologia Hoje e Amanhã

20 Casos Sugestivos de Reencarnação

Na Seara Bendita

Vacine-se Contra a Loucura

Aumente a sua dimensão
REVISTA ESPIRITA (de A. KARDEC)
(Coleção encadernada — 12 vols.)
Coleção Científica Edicel
EDICEL

Editora Cultural Espírita Ltda.
Rua Genebra, 122 — (esq. rua Maria
Paula — CEP 01316 — São Paulo
Reembolso Postal e Crediário

mens (a) gens

E eu que já havia me acostumado com as mentiras e patifarias do velhote! Agora ele vai embora e chega esse cara-76 bancando mocinho de far-west!

CANTIGA DE RODA

Quem quiser entrar na roda,
entra mal ou entra bem,
Quem ficar fora da roda
fica mal como ninguém.

Cada ano que se passa
deixa um rombo no orçamento.
Novo ano, uma trapaça
exigindo investimento.

Se você não der presentes,
não entrar na brincadeira,
os amigos e parentes
dizem todos: que sujeira!

Com dinheiro ou sem dinheiro
não há jeito de escapar.
Com o décimo-terceiro
que desculpa se vai dar?

Fim de ano tem balanço
para se apurar a renda.
Mas quem vai nesse balanço
não tem loja nem tem venda.

Quem quiser entrar na roda,
entra mal ou entra bem,
Quem ficar fora da roda
fica mal como ninguém.

(Colaboração do leitor
J. Bicudo)

De ano em ano
Cada ano com seu engano.
Quem disso duvidar
põe entrar pelo cano.

Psicólogo paulistano afirmou na televisão que as mulheres podem criar seus filhos como as macacas podem criar macaquinhos: penduradas nas suas roupas enquanto elas trabalham na cozinha. Se uma cair na panela, é só fritá-la.

LIVRO DOS PROVERBIOS

Filho meu, não sejas pródigo
nem avarento. Não des
presente aos ausentes.

Se o ano passado não te deixou
nenhum saldo, por quê hás de crer
que o futuro será generoso?
A sabedoria milenar nos diz
que: tal pai, tal filho.

Quem não poupa no começo do ano
não pode esperar poupanças no fim.

Se o vizinho te mandou uma galinha,
manda-lhe em paga um ovo, que
pode conter até mesmo um galo.

Se te desejarem felicidade eterna,
pede um abatimento.
O ano novo envelhece depressa.

O ano pode ser mau ou bom,
segundo o que dele fizeres

Não esperes de um ano o que
os outros não deram.

Se alguém te disser que o
novo ano vai ser bom, não lhe
faças nenhum adiantamento.



CIÊNCIA MALUCA

Desconhecido cientista paulista, após quarenta anos de investigações no laboratório do seu próprio bestunto, chegou a esta conclusão: a alma é um vírus ou um átimo de átomo. Quer dizer que a vida pode ser, à escolha do freguez, uma infecção virulenta ou uma explosão infra-atômica. (Tradicional diário paulistano publicou a sensacional descoberta).

Parapsicólogo grego descobriu que a precognição (que é a profecia) não é profecia, mas psicobolia. O sujeito que prevê a queda de um avião, não previu, nada, mas derrubou o avião com o seu pensamento.

Descoberta sensacional de um cientista chinês: A força de gravidade é tão poderosa que sustenta os corpos celestes no espaço há milhões de anos. Se conseguirmos dominá-la, podemos arrancar da terra o Pão de Açúcar, com bondinho e tudo, e transformá-lo em novo satélite de nosso planeta.

o coveiro enche o buraco

"A VIAGEM" - Novela em 2 mundos

AS aparições de espíritos no teatro, no cinema e na TV são geralmente apresentadas de maneira antinatural, deformando a realidade do fenômeno. Ao elaborar a novela "A Viagem", que está sendo transmitida com grande sucesso pelo Canal 4, TV Tupi de São Paulo, Ivani Ribeiro não quis incidir no mesmo erro. Novelista consciente de sua responsabilidade, procurou o apoio de pessoas entendidas no assunto. Foi necessário, porém, estabelecer contato entre o seu assessor espírita e os diretores e técnicos de tv, pois o problema só poderia ser resolvido através dessa conjugação.

Complicou-se a questão com o desejo da novelista de apresentar também, segundo as exigências do tema, cenas do mundo espiritual. Tudo seria muito fácil se não houvesse o propósito de fidelidade ao real. Bastaria, para isso, seguir-se a técnica do fantástico, largamente explorada em filmes sensacionalistas. Há uma realidade espírita que deve ser respeitada, uma realidade positivada através de pesquisas científicas que vêm desde o tempo de Kardec até a Parapsicologia atual. O respeito a essa realidade está sendo tentado somente agora.

CONFUSÕES DO PÚBLICO

Os espíritos aparecem sempre como eram na vida terrena. Os médiuns videntes os vêem de maneira natural. Mesmo nos casos de aparições, que são fenômenos objetivos, acessíveis a todos e não apenas aos médiuns, eles surgem como eram quando encarnados, geralmente com seus trajes habituais da vida terrena. Por isso, quando o Dr. Alberto vê o espírito de Alexandre, não vê um fantasma, mas Alexandre como se estivesse em carne e osso. Isso leva o público a fazer confusão entre aparição e materialização, supondo que a visão natural do espírito é uma materialização. Alexandre aparece e desaparece com facilidade, mas somente o Dr. Alberto o vê. Trata-se, portanto, de um caso de vidência. Se fosse materialização, os demais personagens da novela também o veriam.

A materialização é um fenômeno material, concreto, como o provaram, de maneira exaustiva, as pesquisas da Metapsíquica e a Biopsíquica, além das espíritas. A aparição na vidência é um fenômeno subjetivo, uma percepção extra-sensorial do médium.

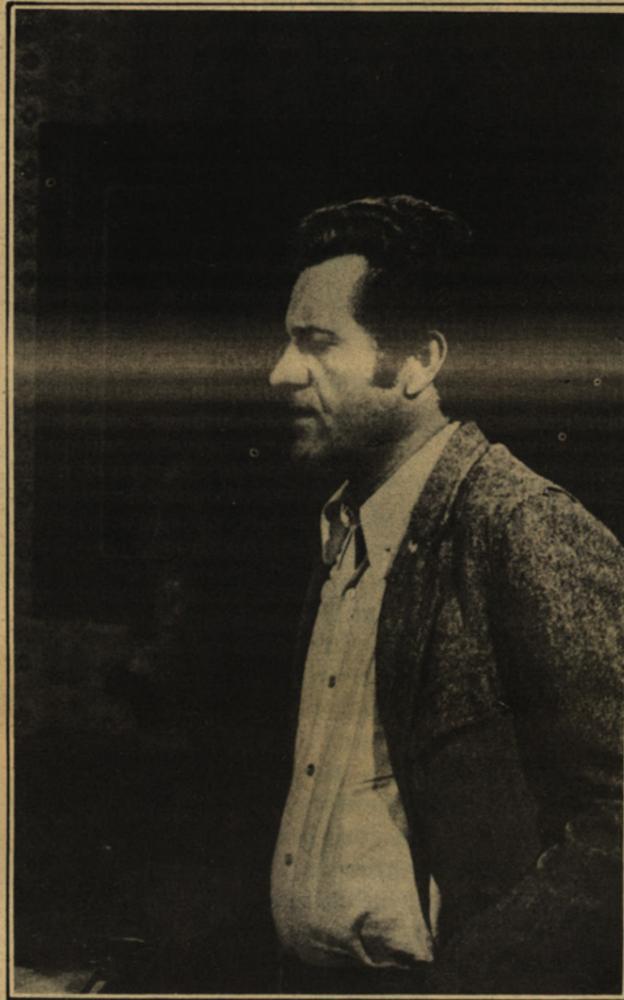
Como se vê, as dificuldades da técnica são realmente embaraçosas, pois, para ser fiel à realidade fenomênica, ela tem de contrariar uma tradição errônea, criada pelos filmes fantasiosos. Apesar disso, a equipe do Canal 4, TV Tupi, tem conseguido apresentar os fenômenos de maneira fiel. Claro que muita coisa ainda poderá ser feita no sentido de aprimorar a verossimilhança dos fenômenos apresentados no vídeo.

O MÉDIUM VIDENTE

O Dr. Alberto é médico e é médium. Alguns telespectadores nos perguntam se isso não está demasiado forçado, pois os médicos são geralmente materialistas. Puro engano. Kardec era médico. O famoso escritor e historiador inglês Conan Doyle era médico e espírita, divulgador entusiasta do Espiritismo. Bezerra de Menezes era médico famoso, cognominado Kardec Brasileiro.

Cosme Marinho, na Argentina, médico e também chamado Kardec Argentino. O mundo está cheio de médicos espíritas e espiritualistas, muitos deles dotados de mediunidade. O Dr. Luís Parigot de Sousa, paranaense, que residiu muitos anos em São Paulo, era médium de materializações. A Sociedade de Médicos Espíritas de São Paulo reúne dezenas de médicos, vários deles sendo médiuns videntes.

O médium vidente pode ser também audiente, ouvir a voz dos espíritos, o que lhe permite dialogar com eles. É claro que se



trata de um diálogo paranormal e por isso o Dr. Alberto, quando vê Alexandre e fala com ele, está sempre numa atitude característica, um tanto desligado da realidade material. Ele não vê Alexandre (espírito) com os olhos, nem ouve a sua voz pelos ouvidos. A percepção extra-sensorial não se faz pelos sentidos orgânicos, pelo sensorio comum. É uma captação direta do espírito do médium, que em parapsicologia se considera como percepção mental. O médium entra num estado de ausência psíquica, desliga-se dos sentidos físicos e passa a atuar como espírito, embora sem afastar-se do corpo.

Diná, Estela, Dona Guiomar e os demais personagens da novela não percebem a presença de Alexandre porque estão sempre ligados aos sentidos comuns, não aprenderam (por assim dizer) a desligar-se da realidade concreta para perceber o plano espiritual que nos cerca. O próprio médium, Dr. Alberto, tem a impressão de ver pelos olhos e ouvir pelos ouvidos, porque está condicionado, como todos nós, pelo uso normal dos sentidos orgânicos. A ilusão de "ver pelos olhos" é um condicionamento a que os médiuns videntes estão naturalmente sujeitos. E só percebem isso quando descobrem que podem ver os espíritos com os olhos fechados.

Apesar das muitas facilidades que a televisão oferece, não é fácil transmitir aos telespectadores a imagem real, sem deformações

fantasiosas, de um momento de captação extra-sensorial. Mas a técnica do Canal 4, num esforço de comunicação verídica, servindo-se dos recursos de iluminação e efeitos sonoros, vem conseguindo apresentar de maneira convincente as variações mediúnicas da personalidade do médium.

O HOMEM NORMAL

Outra dificuldade que vem sendo superada, graças à compreensão do problema pelos atores, é a da normalidade do médium como criatura humana. Em geral se costuma fazer do médium uma personalidade neurótica. Ivani Ribeiro conseguiu estabelecer a distinção bem nítida entre paranormalidade e anormalidade patológica. Enquanto Diná revela sintomas de desequilíbrios psíquicos, sem ter nenhuma percepção mediúnica, o Dr. Alberto comporta-se de maneira absolutamente normal, equilibrado e sensato, bem integrado na realidade existencial, fora dos momentos ocasionais de percepção mediúnica. Essa é também uma contribuição importante da novela "A Viagem" para restabelecer na representação artística a verdade espírita.

A mediunidade ou paranormalidade consciente e controlada não afeta o comportamento normal do médium. Representa apenas uma ampliação do seu campo de percepção, permitindo-lhe mesmo maior domínio sobre os fatores, em geral desconhecidos, que podem causar-lhe perturbações na conduta. Todas as criaturas humanas, médiuns ou não, estão sujeitas a influências espirituais negativas. O médium normal e consciente de suas faculdades dispõe dos recursos de uma sensibilidade apurada para perceber o perigo e afastá-lo. Tornar essa realidade acessível à compreensão do público, através de exemplos vivos, como os que a televisão oferece, é dar uma contribuição eficiente na educação preventiva da maioria dos distúrbios psíquicos.

A mediunidade consiste, praticamente, na manifestação de poderes latentes do homem, aumentando-lhe as possibilidades de autodomínio. Antes do Espiritismo os fatos mediúnicos eram encarados como sobrenaturais ou mórbidos. Coube a Frederic Myers, psicólogo inglês, criar a expressão paranormal para substituir a sobrenatural e a patológica na explicação dos fatos mediúnicos. A novela "A Viagem" vem colocando essa distinção através das imagens de tv, um recurso técnico de grande alcance para o esclarecimento do público a respeito. O mundo dos espíritos, como o das bactérias e o dos raios invisíveis que nos cercam e agem sobre nós, exerce ação benéfica e maléfica sobre a saúde humana. É uma das forças da Natureza, como afirmou Kardec, e é conveniente conhecermos as suas leis. A televisão e o cinema são os instrumentos de maiores recursos para o esclarecimento público desse problema, até hoje confundido pela pressão dos dogmatismos religiosos e científicos.

A OBSESSÃO DE TEO

A mecânica da obsessão foi bem colocada no caso de Téo, marido de Diná. A influência de Alexandre (espírito vingativo) sobre ele, começou por alterações ligeiras do seu comportamento, numa fase de desequilíbrios emocionais por que ele passava, com os ciúmes de Diná e o seu interesse afetivo por Lisa.

"A VIAGEM" - renovação na TV

Alexandre encontrou condições bastante favoráveis para agir sobre ele. Téo se caracteriza como o médium ignorante de suas faculdades mediúnicas, incapaz de aceitá-las em virtude de sua posição materialista. Uma presa fácil para o espírito vingativo. Começa pronunciando frases que provêm de Alexandre e vai num crescendo até o envolvimento completo do adversário invisível. Um bom exemplo do homem auto-suficiente que cai nas malhas da obsessão por falta de um mínimo de compreensão espírita. A ação hipnótica de Alexandre o transforma num instrumento dócil. A natureza inconsciente da sua mediunidade — do médium que perde a própria consciência sob a sugestão hipnótica do espírito agressivo — tira-lhe qualquer possibilidade de reação.

Téo é o inverso do Dr. Alberto. É o médium descontrolado, minado pelos conflitos emocionais, e nele a mediunidade se mistura às perturbações patológicas. O mesmo acontece com Dona Guiomar, cujo temperamento agressivo, mas latente, é facilmente excitado por Alexandre. A situação do Dr. Alberto, único a compreender o que se passa e impossibilitado de prevenir as vítimas, revela bem o drama dos espíritas conscientes em meio a ocorrências obsessivas entre pessoas avessas ao problema espiritual. Lembra a situação desesperada de Pasteur para salvar sua própria filha da infecção puerperal no parto, pela ignorância dos médicos da época no tocante à existência das bactérias.

Alexandre, jovem de má índole, insiste em aniquilar Téo e perturbar outros elementos da família. Alberto procura despertá-lo para a compreensão de suas responsabilidades espirituais. Promove sessões mediúnicas e conversa com o espírito, sempre que o encontra, através de sua mediunidade de vidência e audiência. Fica evidente o contraste da técnica persuasiva do Espiritismo com a violência das práticas antiquadas do exorcismo. Alexandre não é tratado como entidade demoníaca, mas como criatura humana a ser recuperada para o bem.

Tibério é uma figura comum de espírita simplório, assediado por um espírito que se apresenta como seu guia. Nada faz sem consultar o seu suposto guia, mas Alberto procura esclarecê-lo, mostrando que se trata de uma entidade vulgar. Todo o quadro espírita é assim transportado para o vídeo, entrosado no meio social comum, sem nenhum apelo aos recursos do fantástico. O que parecer fantástico para o telespectador mal informado, como as aparições de Alexandre, são fenômenos comprovados nas pesquisas científicas atuais.

NA OUTRA DIMENSÃO

A novela "A Viagem" está agora transpondo os limites da nossa dimensão material para captar cenas do mundo espiritual. Estará então mais sujeita às críticas dos céticos e possivelmente à acusação de não haver resistido ao fascínio do fantástico. Mas acontece que o Espiritismo não considera esse mundo espiritual mais ligado ao nosso plano como puramente espiritual. A doutrina espírita considera a matéria como um dos elementos fundamentais do Universo, em interação dialética com o elemento espiritual. O plano a ser focalizado é matéria em outra dimensão. Seus habitantes são dotados do corpo espiritual a que aludiu o Apóstolo Paulo, chamando-o de corpo da ressurreição. Morre o corpo material e ressuscita o espiritual, escreve o apóstolo. Esse corpo é considerado por Kardec como semi-material, espécie de modelo energético do corpo humano terreno.

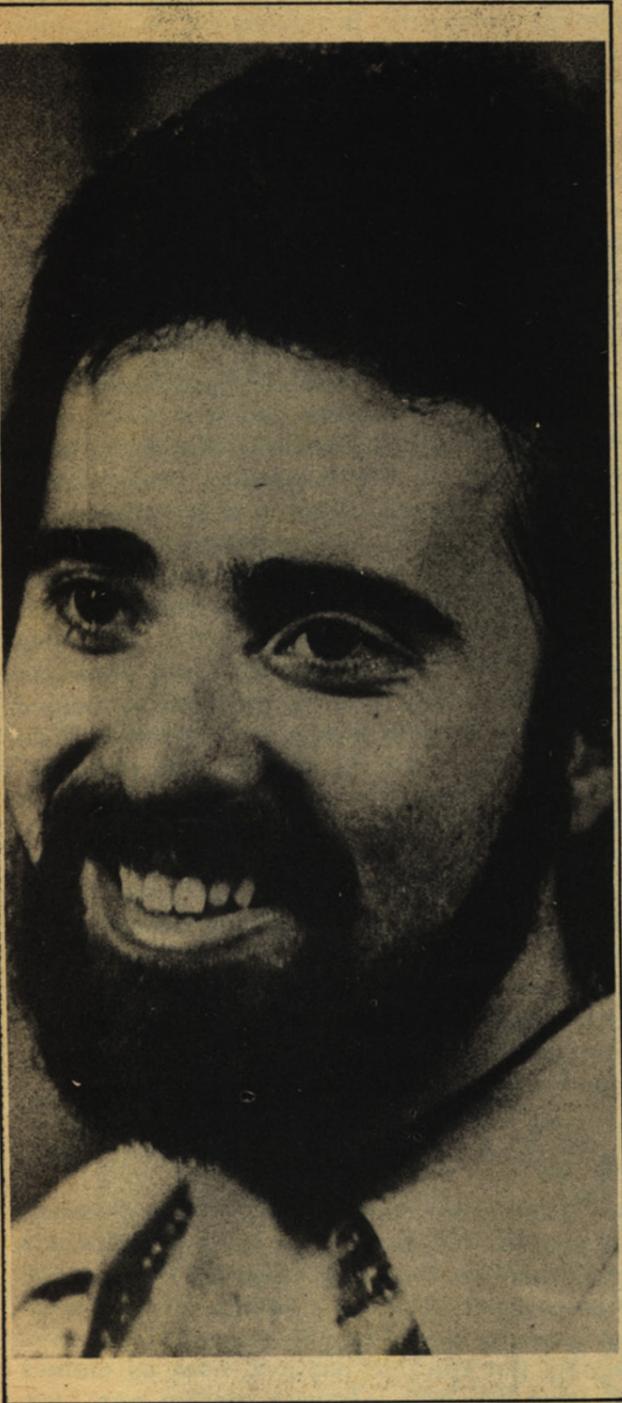
A prova biofísica da existência desse corpo foi obtida em nossos dias pelas famosas pesquisas de físicos e biólogos soviéticos, que lhe deram o nome de corpo-bioplásmico, por considerá-lo como o corpo da vida e constituído de um plasma físico formado de partículas atômicas livres. Por outro lado, as pesquisas sobre a antimatéria já vinham preconizando essa descoberta, ao revelar a existência de um antiuniverso paralelo ou interpenetrado com o nosso. As informações mediúnicas sobre a vida no mundo espiritual fornecem os dados necessários a uma elaboração de cenas daquele plano. Dessa maneira, nem mesmo ao estabelecer a ligação dos dois planos a novela foge ao propósito de ater-se exclusivamente nos limites do natural.

A antimatéria e o corpo bioplásmico são elementos acessíveis à pesquisa científica, hoje integrados no conhecimento mais amplo da realidade universal. Não se pode considerá-los como sobrenaturais, pois é evidente que pertencem à Natureza. A morte de César, e posteriormente a de Diná, transferem ambos para o mundo espiritual, onde eles verificam que a morte não é mais do que uma viagem



para outra dimensão do real. A novela os focaliza nessa nova situação, procurando mostrar como eles continuam ligados aos que deixaram na Terra.

"A Viagem", portanto, longe de ser uma novela fantástica, apresenta-se como realista, focalizando a realidade pluridimensional da vida. Enquadrada rigorosamente na concepção espírita, a que se ajustam as mais recentes conquistas científicas, essa novela pode ser considerada também como um verdadeiro curso de atualização científica. As constantes referências de Alberto às conquistas científicas nesse campo completam esse aspecto da novela. Ivani Ribeiro lavrou um tento na televisão mundial. E, com ela, o Canal 4, TV Tupi.



Espaço aberto ao diálogo dos leitores

TEÓFILO CATALDO DE MOURA
(Perdizes)

A proposição política de Robert Henri Fournacade, publicada no último número de MENSAGEM, dá ensejo a se esperar uma reforma política geral no mundo democrático. Não sei até onde as dissidências soviéticas, tanto nos domínios da URSS quanto nos demais países da sua órbita, poderão alcançar algum resultado. Mas se a posição da França, nestes dias, a partir do próprio presidente Giscard D'Estaing, é inteiramente favorável ao renascimento do liberalismo, em termos modernos, como uma filosofia política de amplitude social, acredito que estamos em marcha para os processos de renovação. Gostaria que MENSAGEM divulgasse esta minha opinião, se possível, em apoio à tese de Fournacade, que me parece muito apropriada nesta hora de desentendimentos.

Não vejo solução para o mundo fora de uma democracia em que a ordem e a paz possam ser preservadas pela consciência esclarecida e bem orientada do povo. Não se pode duvidar que estamos num momento de grandes transformações em nosso planeta. Parece-me impossível que os regimes antidemocráticos não se transformem também, mesmo que de maneira lenta, sob a pressão das novas idéias que surgem com os anseios das novas gerações. A França, apesar de considerada por muitos como um país desgastado, vem revelando nos últimos anos uma vitalidade que nos faz crer na ressurreição da sua influência mundial. O pensamento francês guarda uma vitalidade que nos faz pensar em novo renascimento dos grandes princípios humanistas da sua gloriosa História.

Lembro-me de haver lido em Kardec um estudo muito interessante sobre o famoso lema da Revolução Francesa: "Liberdade, igualdade, fraternidade". Kardec estabelecia uma relação direta entre esses três princípios, mostrando que a igualdade de direitos só pode existir num clima de liberdade e que a responsabilidade não existe fora desse clima. Fournacade revela que um artigo da revista "L'Express" colocou esse problema muito claramente num dos seus números recentes. A natureza humana é avessa a coações. O anseio de liberdade e livre participação na sociedade, como no contrato social de Rousseau, de que todos nós somos acionistas, existe no homem como uma forma de instinto superior da espécie. Acho que há coisas que não se podem suprimir no homem sem prejuízo da sociedade e dos indivíduos, como o anseio de liberdade, o senso de responsabilidade individual, o sentimento natural de igualdade humana, embora ressalvadas as diferenças individuais e de grupos, como características que se complementam por outras, existentes em outros indivíduos e grupos. A ação opressiva e até mesmo esmagadora do Stalinismo na URSS, como a de Hitler na Alemanha, a de Mussolini na Itália e assim por diante, não conseguiu destruir esses elementos vitais da espécie humana.

Não tenho nenhuma ideologia política mas sou um curioso desses problemas e me alegro de ver que, depois dos estragos da



**Jornal diário — espelho do mundo.
Tablóide semanal — cartas na
mesa**

Revista ilustrada — feira da vida

Tudo isso é necessário à gente moderna,
de bom gosto e bom tom.

**Mas se você não ler MENSAGEM
estará faltando o essencial — a vi-
são panorâmica das perspectivas
novas de um
MUNDO NOVO QUE ESTÁ
NASCENDO**

MENSAGEM é um tablóide mensal de
cultura global que luta em todas as
frentes pela HUMANIZAÇÃO DO HOMEM,
da criatura humana desfigurada e perdida
nas contradições do presente.

Saia da toca dos seus preconceitos

Leia, ajude, divulgue MENSAGEM e
colabore em MENSAGEM, dando também
a sua mensagem para os demais.

Entre na Rosa dos Ventos!

guerra mundial e das cicatrizes por ela deixadas nos povos de todo o mundo, volta-se a tratar racionalmente do problema, sem as suposições que ainda há pouco faziam moda, segundo as quais o desenvolvimento tecnológico não dava mais lugar na Terra a sonhos de liberdade em qualquer nação.

Há uma questão que sempre me preocupou e que recentemente chamou muito a atenção de todos, com a rebeldia da mocidade e as teorias de Marcuse. É o problema da vida como uma espécie de impulso vital incontrolável. Esse impulso vital é tão espontâneo e livre que não suporta nenhum sistema fechado. Penso, e se estiver errado que me corrijam, que a vida é tão exigente em referência à liberdade que faz a própria relva nascer em turfos atrevidos entre as pedras maciças do calçamento das ruas. A fragilidade da relva como que se torna fortaleza na luta contra a dureza das pedras.

Não concordo com os excessos de liberdade que podem comprometer a própria liberdade. Acho que não se pode falar em liberdade absoluta de maneira alguma. Mesmo porque a liberdade se exerce levando em conta os limites do meio social em que se vive. A liberdade tem suas próprias condições, segundo li um dos artigos desse mesmo jornal, que achei muito interessante. Por que isso discordo dos excessos de Marcuse, mas acredito que ele viu mesmo, com

visão clara, alguns aspectos sérios do problema da liberdade humana, que implica, sem que se possa negar, a liberdade política.

Gostaria de ver esse problema mais amplamente debatido em artigos desse jornal, que tão seguro se mostra em sua apreciação dos problemas humanos. Estou certo de que MENSAGEM dispõe de colaboradores capazes de esclarecer muitas questões ligadas a esse assunto. O que se poderia dizer, por exemplo, de um conceito de liberdade que se relacionasse diretamente com o de dignidade humana? Poderia haver liberdade sem dignidade e vice-versa? Parece-me que esse problema foi bem esclarecido no campo da educação. As formas de educação dirigida e autoritária do passado estão hoje substituídas em todo o mundo por formas liberais.

É curioso como a expressão "liberalismo", depois de rejeitada por algum tempo, volta agora a provocar debates no mundo inteiro. Terá o velho liberalismo a capacidade que os franceses hoje lhe atribuem, de enfrentar as confusões de um mundo em que a idéia do robô faz tantos adeptos entusiasmados? Ou Giscard e seu povo estarão apenas vivendo a euforia de lembranças agradáveis de tempos que se foram para não mais voltar? Os macacões azuis dos chineses contrastam muito com os sonhos do liberalismo francês.

mensagem

jornal de cultura

Edição: G. E. CAIRBAR SCHUTEL

Diretor: J. HERCULANO PIRES

Redação: COLEGIADA (COPY-DESK)
Diagramação: CELSO SUYAMA
Ilustração: ICARO

Administração: A. C. MOLINA, ANTONIO TERENCE

DISTRIBUIÇÃO :

São Paulo — Salvador França Pinto,
Av. Casper Libero, 52 - box 3

BRASIL — Rio de Janeiro e demais Estados
(exclusividade) — SM Distribuidora de Publicações Ltda. — Av. Afonso de Taunay, 43
Barra da Tijuca — Fones: 399-2199 e 339-0689.
CEP 20.000 — Rio de Janeiro (RJ)

REDAÇÃO: São Paulo, Rua Dr. Bacelar
n.º 505 — Vila Clementino — CEP 04026
Fone: 549-3053

Composto e impresso por:
JORNAL PAULISTA LTDA.
Rua Oscar Cintra Gordinho, 46
SÃO PAULO

MENSAGEM é um jornal da Era Cósmica. Sem preconceitos, sem partidarismos, objetivando a humanização do homem e sua integração na realidade global de espírito e matéria, as duas constantes dialéticas do Universo. Colabore com MENSAGEM, ajude o mundo a melhorar. Propague MENSAGEM.

Assinaturas individuais Cr\$ 50,00
Assinaturas grupais (p/ instituições culturais)
de 20, 30, 50 ou mais exemplares, remetidas
pelo reembolso postal . . . Desconto de 30 %
por exemplar.

Colecione MENSAGEM — seu formato tablóide
permite a encadernação cômoda e artística.
Faça a sua ENCICLOPÉDIA MENSAGEM que
se atualiza ao ritmo do tempo.

Mensagens Cruzadas

Damos início a esta nova seção de MENSAGEM, atendendo à solicitação de numerosos leitores que pretendem manifestar suas idéias sobre os assuntos pertinentes à orientação deste órgão. MENSAGEM não é um jornal político no sentido comum do termo. Mas, como órgão de cultura, que tem por lema a humanização do homem, trata de todos os problemas que se relacionem com esse lema. As questões de política partidária e de controvérsias ideológicas, em sentido pragmático, não interessam à nossa linha de ação, por entendermos que todos os conflitos atuais decorrem da falta de uma visão mais ampla e esclarecida da verdadeira Política, que se fundamenta nas exigências essenciais da natureza humana e se projeta na perspectiva dos destinos humanos. Dentro dessa linha, todos os leitores poderão dispor do espaço aberto para as suas reflexões, estudos e debates. Os trabalhos com que iniciamos esta seção parecem-nos suficientes para a exemplificação objetiva da linha a seguir.

LUIS FELIPE MONZINI
(Rio de Janeiro)

Não sei se estamos em condições de compreender a orientação adotada por MENSAGEM, um jornal de cultura que se difere de tudo quanto se tem feito em nossa terra até agora. Li todos os seus números publicados, desde o n.º 0 até o n.º 6, dedicado ao Natal, e que achei excepcional. Meditei sobre os editoriais que definiram a orientação do jornal e cheguei a uma conclusão que me entusiasmou. A sua finalidade não é levar o leitor a esta ou aquela posição, mas oferecer elementos que possam ajudar o leitor a sair da confusão em que o mundo de hoje nos deixa. Percebi que o jornal pretende mostrar que não estamos perdidos no caos. Que podemos explicar o absurdo do panorama mundial, descobrindo por nós mesmos aquilo que podemos chamar as razões do absurdo. Vou tentar colocar esta questão e gostaria que outros leitores me ajudassem com as suas correções ou complementações.

Por exemplo: vemos o mundo dividido ao meio como uma laranja. De um lado está o chamado mundo democrático e capitalista, que sustenta o princípio da livre iniciativa no campo da produção e das liberdades políticas. De outro lado está o chamado mundo socialista ou comunista, que sustenta o princípio da direção estadual na produção e do condicionamento da liberdade política às exigências do regime instituído. Mas a laranja tem muitos gomos, de maneira que essa divisão aparentemente simples complica-se num labirinto de subdivisões como a do Terceiro Mundo, dos povos subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Outras subdivisões vão surgindo dos pequenos grupos raciais, religiosos, políticos, numa atomização assustadora, de que são exemplos a situação da Argentina, de Portugal, do Líbano, da Irlanda, de Israel e dos Palestinos, e assim por diante. Tudo isso, com o aumento do poder bélico e a ameaça das armas nucleares, redundam numa situação infernal em que todos os absurdos são praticados e todos alegam os seus direitos em praticá-los.

Mas se perguntarmos porque chegamos a essa situação, a resposta não será menos

mensagem

Ano II — Número
Janeiro-Fever. 76
São Paulo - Brasil

7

assuntadora. Tanto os EUA quanto a URSS alegam defender os direitos humanos e lutar pela sua preservação. E ultimamente surgiu a ameaça de uma nova potência, a China, que também se coloca na mesma posição e ataca as duas potências principais. A confusão aumenta e o panorama absurdo se torna mais escuro e incompreensível. Como pode ocorrer tal coisa? Americanos, europeus, asiáticos não percebem que as contradições se aprofundam nas suas atitudes? Os objetivos superiores que proclamam são desmentidos pela própria condição interna dessas potências. E isso porque, ao invés delas colocarem as questões em termos humanos, na realidade as colocaram em termos desumanos de interesses materiais e grupais. Falta a visão superior da natureza e da destinação do homem, porque os homens se perderam na sua paixão pelas questões secundárias, no seu apego às coisas materiais. Produção e consumo formam o binômio sustentador do absurdo. Falta o pão do espírito. E, como diz o provérbio, casa em que falta pão, todos gritam a ninguém tem razão.

O mérito de MENSAGEM está apenas nisto: em ter visto que o motivo do caos é o apego ao imediato. MENSAGEM redescobriu a verdade oculta no provérbio da sabedoria popular. E está propondo a todos nós uma simples modificação de tática, uma mudança de direção do nosso pensamento. Mas essa mudança não é fácil. E MENSAGEM é um pequeno jornal mensal que não tem forças para sacudir e despertar esse mundão de povos hipnotizados pelo redemoinho dos interesses imediatistas. Que fazemos, diante disso?

Parece-me que, se os leitores de MENSAGEM compreenderem bem a sua tese, meditarem nela e quiserem ajudar o tablóide a atingir áreas mais vastas de leitores, as coisas mudarão de figura.

O meu desejo, ao escrever este artigo, que espero ver publicado em MENSAGEM, é provocar, mesmo que em medida muito reduzida, maior interesse da nossa gente por esse jornal diferente. Enquanto todos os outros aumentam a confusão, malhando em ferro frio, MENSAGEM tenta despertar o homem para a compreensão dos problemas numa perspectiva mais larga e mais funda. Não adianta tomarmos este ou aquele partido. Nossa adesão nada mais fará do que levar mais lenha à fogueira. O que é preciso é termos menos apego às nossas idéias preferenciais, menos pretensão de podermos mudar as coisas pela nossa vontade. Não há dúvida que a nossa vontade influi no

mundo, mas se influir no sentido de aumentar a fogueira não será mais que um graveto jogado nas chamas. Se, pelo contrário, procurarmos auxiliar o homem a compreender as razões do absurdo em que hoje vivemos, nossa vontade não será graveto, nem palha, nem gasolina na fogueira, mas água de esguicho forte de bombeiro. Porque a natureza humana é uma só, em toda a Terra. Consequentemente, ao colocar o problema nesses termos, os homens irão sendo despertados para a verdade que trazem em si mesmos.

Muita gente tem medo de ser taxada de alienada. A alienação tanto existe num lado como no outro. Se nos apegarmos apenas às coisas do espírito, estaremos alheios à realidade concreta. Mas se nos apegarmos apenas às coisas concretas, estaremos alheios à realidade espiritual, que é a própria essência do homem. O negócio é não ter medo e dizer não, com plena consciência, às insinuações do Diabo ao Cristo, no deserto e na torre do templo. Se ele nos oferece os reinos do mundo, ofereçamos a ele, a esse anjo decaído, o reino do homem. Jesus ensinou: "Busca primeiro o Reino de Deus e a sua Justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo". O Reino de Deus está em nossa consciência. Se preferirmos ele, teremos por acréscimo o Reino da Terra Prometida.

Peço aos leitores que pensem bem neste artigo, em que talvez eu tenha colocado mal o problema, mas que servirá para levá-los a ler com mais atenção os trabalhos divulgados em MENSAGEM. Talvez as minhas deficiências possam ser supridas pela capacidade maior de compreensão de outros leitores. Mas se discordarem da minha posição, por favor, procurem mostrar de maneira clara por que motivo estou errado. Para mim, MENSAGEM é realmente uma mensagem oportuna e necessária, que vem nos alertar na curva mais perigosa da história humana. Um simples tablóide, de poucas páginas, um jornal pequenino e discreto, mas que visto por dentro é bem maior que todos os outros. Estou certo de não haver conseguido dizer tudo quanto queria, mas não posso ir além das minhas forças.

N. da R. — Este artigo do leitor Luis Monzini nos conforta, pois mostra que não trabalhamos em vão. Nossa tese é a da humanização do homem, que está se transformando em robô, apegado a idéias que o escravizam e lhe deformam a natureza humana. MENSAGEM é realmente um órgão pobre, lançado por um grupo espírita e não por uma empresa. Não tem finalidade comercial nem colorido político-partidário e não assume posição sectária. Os diretores, redatores, repórteres e revisores do nosso tablóide são voluntários que nada ganham. Todos trabalham pelo desejo de servir.

**Assinaturas de
MENSAGEM**

12 números — Cr\$ 50,00
Rua Dr. Bacelar, 505
04026 — São Paulo
Fone: 549-3053

Exemplar do mês 5,00
Atrasado 6,00